ANO 14.º LISBOA — SEXTA-FEIRA, 25 DE JANEIRO DE 1935 N.º 4379

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIROA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO

Diario de Lisbôa
11—Avença—Of.
Biblioteca Municipal Central de
20309

CHAMAMOS a atenção da Liga dos Monumentos Nacionais para vêr se pode achar qualquer remedio contra o desrespeito de que fala esta carta:

«*Sr. director:* — Desculpe-me sr. director vir roubar-lhe um cantinho do seu jornal para contar um caso que muito entristece ao visitante de monumentos:

Aproveitando estes lindos dias de sol, fui de longada, deixando a nossa Lisboa, até Alter do Chão, interessante vila do Alto Alentejo, com o fim de visitar a Coudelaria do Estado, estabelecimento que muito honra ao país e unico no seu genero que existe. Mas em plena vila tive ocasião de visitar o castelo de Alter, do tempo de D. Pedro I, considerado monumento nacional e que se encontra bastante abandonado, servindo até de estrumeira o seu patio interior! Criticando o caso na pensão Ferreira, onde almocei, informaram-me de que o castelo era pertença dum rico proprietario, e que aqui ha meses, uns senhores de Alter quizeram organizar uma liga para olhar pelo castelo, mas o dono não consentiu.

A Liga dos Monumentos, sr. director, não poderá fazer qualquer coisa, visto haver em Alter quem se interesse pelo seu castelo?

De V., etc., *M. Mesquita*».

* * *

AS ilustres senhoras que tão abnegadamente trabalham a favor dos leprosos, amenizando, tanto quanto possivel, a sua tortura e o seu sofrimento, empregam agora todos os seus esforços, a fim de que todos eles sejam hospitalizados. Isto é tão necessario e urgente que ainda ha poucas horas um medico nos disse:

— A hospitalização impõe-se, e com urgencia.

Mãos á obra, pois, e abençoadas sejam as piedosas mãos que vão aliviando os infelizes que geralmente são votados á gehena.

* * *

AS crises ministeriais em Italia têm afinal uma frequencia bastante semelhante á que caracterisa esses fenomnos politicos nos paises de instituições representativas.

Verdade seja que a figura central da politica italiana continua a ser Mussolini. Mas a substituição dos seus colaboradores indica a existencia de criterios divergentes, perfeitamente justificados perante a gravidade dos problemas que nação procura resolver. Basta recordar os acordos recentes celebrados com a França e a crise da lira para acreditar que nem todos os amigos de Duce se encontrarão de acordo com a trajectoria por ele seguida.

* * *

O GOVERNO nomeou uma comissão composta pelos srs. dr. Oliveira Guimarães, Eduardo Xavier de Velez e D. Felismina da Gloria Oliveira para estudar as bases em que deve assentar a selecção dos alunos para o ensino liceal.

A CASA E O CONFORTO

Só ha muito poucos anos começou a entrar na arquitectura urbana de Lisboa aquele principio elementar de higiene que se chama simplesmente uma casa de banho.

Apesar disso pode dizer-se que três terços das edificações de Lisboa não possuem essa condição essencial, ou só rudimentarmente a possuem, improvisadamente.

Os romanos, a quem devemos tantos exemplos, não conseguiram sugerir aos nossos avoengos essa pratica indispensavel numa casa; ficámos sempre mais ou menos rurais, naquela ingenuidade primaria de metodos de existencia que já a famigerada Madame Rattazi assinalava, com tanto desplante quanta noção exacta das realidades.

Mas — enfim . . . — a casa de banho entrou nos habitos modernos do lisboeta de ha um quarto de seculo para cá, mercê do sentido oportunista dos arquitectos modernos, e mais por sua imposição do que pela vontade dos proprietarios.

Mas outra deficiencia, não menos importante, se nota, em geral nas construções urbanas de Lisboa: o aquecimento.

As casas de Lisboa não possuem, mesmo nas zonas modernas, esse elemento primacial de conforto, e até de saude.

Diz-se que o clima de Lisboa dispensa essa particularidade. Não é exacto; Lisboa tem, com efeito, um clima privilegiado. Mas o inverno e os seus rigores fazem-se sentir, por vezes duramente. As estatisticas obituarias, de resto, falam claro.

Os lares lisboetas — de resto todos de Portugal nas cidades e vilas — são desprovidos de calor. Nas terras da provincia ainda ha a poetica e santa lareira portuguesa.

Lisboa descuidou sempre esse pormenor elementarissimo. Não apenas as casas humildes dos velhos bairros ou dos indisciplinados ajuntamentos populosos das abas dos arredores da cidade tão desconfortaveis e gelados.

Todas as casas de Lisboa, das avenidas aos bairros excentricos, foram abandonados desse elemento fundamental que se chama aquecimento.

Nesta quadra em Lisboa campeia a doença, provocada pelos frios.

Mas pelos frios — apenas? Tambem pelo desconforto; o desprezo secular pelo elemento calor contribui em parte importante para o agravamento das enfermidades de pulmões e bronquios nesta época do ano.

E' certo que o tipo modesto das casas de Lisboa talvez não comporte, dentro do seu regime economico acanhado, a instalação de calor. Mas nas construções modernas já se podia incluir o aquecimento, e nos edificios de pavimentos em serie, isso já se tornaria possivel, pela economia que adviria de um plano geral sistematico.

Mas não se tem pensado em tal.

O desconforto a este respeito, é mais indicativo de uma indiferença pelo bem comum do que de um clima temperado, que, só por si, dispensasse a inovação.

As casas de Lisboa, se o sol se esquece de fornecer calor natural, e o inverno se prolonga ou exalta um pouco mais — são mortiferas, á fôrça de geladas. Sabem-no os medicos; não o desconhecem os higienistas.

E têm de o ter presente os homens bons da Camara Municipal, as repartições urbanistas e, principalmente, os arquitectos, que têm a função de guiar o espirito pratico, mas nem sempre avisado, dos proprietarios da construção urbana lisboeta.

O DR. Schacht é, neste momento, a figura mais discutida e mais temida em toda a Alemanha.

A sua grande ambição acaba de se realizar: o director do Reichsbank concentra nas suas mãos toda a actividade economica da nação, podendo considerar-se, nesse capitulo, um ditador munido de poderes larguissimos.

Os sacrificios que ele está impondo aos seus compatriotas podem considerar-se excepcionais. Perante a ameaça dum isolamento comercial, Schacht não hesitou. As suas tendencias conservadoras não o impediram de entrar no nacional-socialismo com todas as honras e de o denunciar, em pouco tempo. A eloquencia de Hitler e a força do exercito encontram-se á mercê desse homem curioso que dita a lei na Alemanha, e a está moldando para a gloria ou para a miseria.

* * *

COM a morte de Kirov, os dirigentes do partido comunista operaram uma nova limpeza nas suas fileiras.

E' curioso que as vitimas se continuem a recrutar de entre a esquerda do bolchevismo oficial, sendo os amigos de Trotsky os mais directamente atingidos.

O incidente, cujos aspectos de tragedia já quasi não impressionaram o mundo, serviu á maravilha para que os amigos de Staline impuzessem os seus novos métodos de distribuição do trigo e do pão. O fundo economico das dificuldades que embaraçam os chefes da terceira Internacional aparece, assim, em plena luz, esclarecendo uma situação que só poderá resolver-se com o auxilio de diversões no plano internacional.

* * *

LLOYD George, num dos seus ultimos discursos, foi interrompido por uma senhora que lhe gritou:

— Se o senhor fôsse meu marido, envenenava-o!

Lloyd George olhou para ela, e verificando tratar-se duma velha, antipatica e feia, respondeu-lhe:

— Pois eu, se a senhora fôsse minha mulher, não me importava de morrer, envenenado ou fôsse lá como fôsse!

* * *

A REVISTA Art Vivant *consagrou o seu numero de novembro ultimo a Portugal, por intervenção do Secretariado de Propaganda Nacional. E' um numero esplendido, linda e copiosamente ilustrado, em francês e inglês, colaborado por artistas e escritores nossos e tambem estrangeiros.*

* * *

FOI publicado um decreto mandando aplicar aos alunos do Instituto Superior do Comercio do Porto as disposições do decreto 20.440 que aprovou o regulamento do Instituto de Ciencias Economicas e Financeiras.

A este numero do "Diario de Lisboa„ corresponde um suplemento literario de oito páginas

TEATROS E CINEMAS

"Sepepe", o caricato

Com a companhia de Raquel Meller estreou-se no Trindade um artista comico, um artista excepcional, que, desde logo, ás suas primeiras palavras, aos seus primeiros gestos, conquistou imediatamente o publico. Lisboa nunca vira um actor burlesco tão completo, nem um caricato tão perfeito. Enquanto trabalha nas suas habilidades — habilidades dificeis e curiosas de realização — ele fala de uma maneira especial e conta-nos chistes que nos perdem com riso. As palavras saem-lhe sibiladas por entre os labios e o seu rosto, maquilhado, exprime, numa attitude atordida, toda a graça dos seus monologos, toda a piada das suas anecdotas. Sepepe, que assim se chama o artista, é ainda acrobata, equilibrista, jongleur, dansarino, com um repertorio clownesco que ele realiza entre as gargalhadas do publico e que o tornam unico neste genero. Mas Sepepe, atraido pelos belezas da nossa terra, pelo nosso lindo sol, não seguiu com Raquel Meller e deixou-se ficar em Lisboa. E, ficando, quiz trabalhar, uma vez que não lhe faltaram empresarios a disputá-lo. Dentre tantos ele escolheu o mais activo, o mais audacioso e, naturalmente, o mais inteligente. Vamos pois tornar a vêr Sepepe. Aonde?...

Amanhã: "A culpa é do Bibi"

Só hoje se efectua, no Trindade, o ensaio geral da comedia A culpa é do Bibi, *motivo porque tambem só amanhã se realiza, neste teatro, a estreia desta peça, que traz como reclame de sensação o facto de haver sido filmada e do seu filme ter obtido entre nós um sucesso retumbante.* A culpa é do Bibi *vai ter como principais interpretes, nos quatro personagens destacantes, os ilustres artistas Irene Izidro, Brunilde Judice, Vasco Santana e Assis Pacheco. Encenada por mestre Antonio Pinheiro,* A culpa é do Bibi, *tem a seguinte distribuição:*

Helena, *Irene Izidro;* Ivonne, *Brunilde Judice;* Franzi, *Leonor d'Eça;* Paulo Kramer, *Vasco Santana;* Misgter Brown, *Assis Pacheco,* e Um criado, *Carlos Baptista.*

O grande pianista Leopoldo Querol hoje no Coliseu

O publico de Lisboa vai conhecer esta noite, no 2.º Concerto que realiza no Coliseu a Grande Orquestra Filarmonica de Madrid, dirigida pelo eminente maestro Perez Casas, um dos mais extraordinarios pianistas da actualidade: Leopoldo Querol — eximio concertista que, por ser muito novo, não deixa de contar os mais estupendos triunfos, sendo o interprete preferido pelos mais afamados compositores da actualidade, como Ravel, Sonbruc, Ibert, Falla, Makwitch, Prokovieff, etc. Leopoldo Querol, que junta ao seu renome de grande pianista o diploma de doutor em filosofia e letras e professor da Universidade de Madrid, vai tocar esta noite, pela primeira e unica vez em Portugal, o mais bela obra de Falla: «Noites nos jardins de Espanha». Noutro local nos referimos ao programa completo deste concerto.

Armando Baptista

Como temos anunciado, é já no proximo dia 2 de fevereiro que se estreia no Salão de festas do «Seculo» o serão teatral deste conhecido artista, cujo serão de arte terá de abertura uma curta palestra do escritor sr. João Gomes da Silva. As principais familias de Lisboa e o comercio mais distinto da capital têm patrocinado este espectaculo, em que o baritono Armando Baptista vai mostrar as suas qualidades de actor, tanto no genero alegre, como no dramatico, com as mais belas obras do nosso teatro.

Um almoço a Raquel Meller

Realizou-se ontem, em casa do empresario José Loureiro, um almoço intimo oferecido por aquele homem de teatro á grande artista Raquel Meller. Assistiram, além de José Loureiro e sua esposa, os consagrados escritores Lino Ferreira e Alberto Barbosa, os dois autores portugueses mais representados, que brindaram, em termos entusiasticos, pela notavel vedeta. Raquel Meller exteriorizou a sua grande simpatia e gratidão pelo publico português, ficando assente, em principio, na primeira época de inverno, a realização de uma revista daqueles dois escritores, na qual tivesse intervenção a insigne actriz.

Henry Garat, hoje, no Gimnasio

E' esta noite, finalmente, que se apresenta no teatro do Gimnasio o celebre galã Henry Garat, em conjunto com as Malatzoff Girls, com Blue Boys Jazz, com o bailarino Moritz, e com Rose Nair et Molinet.

Espectaculo sensacional que todo o publico espera com ansiedade, ele constituirá um exito artistico e mundano em Lisbôa, pois Henry Garat, idolo das plateias de grande tom, nas suas canções, dansas e fantasias á grande actor de cinema, é absolutamente inexcedivel.

Maestro Perez Casas

Teve a amabilidade de nos deixar o seu cartão de cumprimentos, lembrança que agradecemos, o insigne maestro Perez Casas, director da Orquestra Filarmonica de Madrid.

Atrás do reposteiro

No Maria Vitoria vão começar a proxima semana os ensaios da peça musicada *Don Payo de Arroyolos*, original de Xavier de Magalhães, musica de Jaime Mendes, figurando ainda no repertorio deste teatro uma revista de dois novos autores, musicada por dois novos compositores.

— E' no dia 30 que se estreia no Coliseu a Companhia Moderna de Circo com diversas novidades de grande sensação e curiosissimos numeros.

— Luiza Satanela, a quem faleceu sua mãi, ontem, em Lisboa, vem a caminho de Portugal, tendo embarcado recentemente no Rio de Janeiro.

— Está solucionado o incidente entre a Empresa Artistica e a Sociedade Nacional de Recreios, Limitada, incidente que motivou o encerramento, no Porto, do Aguia de Ouro e do Jardim Passos Manuel, reabrindo este ultimo brevemente com duas orquestras e espectaculos de *music-hall*.

— A empresa José Loureiro fez contrato por intermedio do empresario Carcelé, de Madrid, para a vinda a Portugal da celebre atracção internacional, denominada *Os Três Diamantes Negros*, numero sensacionalissimo que virá directamente do *Capitolio*, de New York.

— Partiu ontem para o Porto, donde regressará na proxima segunda-feira, a gentil actriz Miquelina Rodrigues, que faz parte do elenco do Trindade.

— Em viagem de estudo segue brevemente para Inglaterra, com demora de algum tempo em Londres, o ilustre artista cenografo Baltazar Rodrigues.

— *O grito da rua!* é como se intitula o numero patriotico e popular, emocionantissimo, que a ilustre actriz Maria das Neves agora interpreta, entre aplausos, na revista *Viva a Folia!* em cena no Maria Vitoria.

— Raquel Meller teve ontem, no Trindade, uma despedida emocionantissima por parte do publico que encheu aquele teatro e que a grande *vedeta* agradeceu comovidissima.

— Vão participar no desempenho da revista *Nobre Povo*, no Variedades, a actriz Filomena Casado e os ctores Casimiro Rodrigues e Henrique Campos.

— Tiveram a amabilidade de nos enviar os seus cumprimentos de despedida a actriz Elisa de Guisette e o actor Joaquim Prata, que partiram para o Porto.

— Representa-se hoje, pela ultima vez, no teatro Nacional, a preços populares, a comedia «Meninas», de Vasco Mendonça Alves.

— Amanhã repõe-se no Nacional, a preços populares, a grande peça «Sol Poente», de Ramada Curto.

— Os jornais do Porto noticiam que Beatriz Costa escolherá para a realização da sua festa, no Sá da Bandeira, a revista ali estreada, na ultima temporada, *Porto á vista*, de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, que ontem efectuaram a sua recita como autores de *Café com leite*, em cena naquele teatro.

"O Senhor Doutor e seu Marido"

O Central Cinema estreia, na proxima segunda-feira, uma das mais audaciosas comedias francesas dos ultimos tempos e que deve provocar viva sensação junto das nossas plateias femininas. Trata-se de «O Sr. Dr. e seu marido», brilhante versão da celebre peça, do mesmo titulo, de Berr e Verneuil, que foca um problema da mais flagrante actualidade: o das mulheres intelectuais no exercicio das suas profissões. Tanto pelo tema, em que não se esconde, sob um fundo de satira, as liberdades a

Lucien Baroux e Madeleine Soria

que certos conjuges se permitem, como a realização, elevação do dialogo e colossal desempenho de Madeleine Soria e Lucien Baroux, «O Sr. Dr. e seu marido» deve constituir o espectaculo de maior agrado da proxima semana.

Actualidades

— A seguir aos «Miseraveis» o Condes exibe uma cine-opereta de Geza Bolvary «A noite dum grande amor», com Gustav Frohlich e Jarniela Novotwa. Geza Bolvany foi o realizador de «Eu não quero saber quem és», «Castelo de Sonho», «Valsa dos corações», «O secretario de Madame», «Tentação», tudo filmes de grande exito.

RUTHER. — Pelo seu poder antiseptico, pelo seu forte poder tonificante combate a **Caspa** e todas as **Doenças do couro cabeludo**, facilitando ao mesmo tempo o **crescimento do cabelo.**

DECLARAÇÃO

Fernando José de Paim Soares Mendes, proprietario da Fabrica de Fundição "Bom Sucesso", declara, para os devidos efeitos, que:

Por escritura lavrada perante o notario de Abrantes, dr. Serra da Mota, em 28 de Dezembro de 1934, deixou de fazer parte da Sociedade Bancaria Viscondessa do Tramagal & Companhia, de Abrantes, pelo que nada tem com as responsabilidades da mesma casa bancaria.

Teatro Nacional

Hoje ás 21 e 30

Recita popular para ultima representação da comedia

"MENINAS"

de Vasco Mendonça Alves

Amanhã e depois — Duas unicas recitas populares — A peça de retumbante exito de **Ramada Curto**

SOL POENTE

PALMIRA BASTOS no principal papel

Domingo ás 16 horas — Matinée Recital de Dansa de RUTH ASWIN

PREÇOS POPULARES

Quinta-feira, 30 — 3.ª Recita de Assinatura — 1.ª Representação da comedia dos IRMÃOS QUINTERO, tradução de LUIZ GALHARDO (filho) e VASCO SANTANA, «CINCO LOBITOS»

O teatro está aquecido todas as noites

Leiam ás quintas-feiras o jornal humoristico o «SEMPRE FIXE»

OLIMPIA CLUB

Grande sucesso da notavel artista

ROSITA DE ESPAÑA

SANGUE AZUL

QUERE DIZER:

ESPECTACULO MONUMENTAL

Formidavel comedia das gargalhadas no

AVENIDA

com

MARIA MATOS e ALVARO PEREIRA

A's 9 1/2 horas

APOLO

UMA REVISTA COMO NAO HA IGUAL

Zé dos Pacatos

TRINDADE

Amanhã

Reaparição da companhia de comedias e farsas deste teatro, com

A culpa é do Bi-Bi

comedia em 3 actos, tradução de José Galhardo e Vasco Santana, com

Irene Izidro, Brunilde Judice, Vasco Santana e Assis Pacheco

nos principais personagens

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ — TELEF. 17172 — 2.ª semana — **Tarzan e a companheira** — A's 21 e 30 — com Johnny Weissmuller

CENTRAL — Telef. 2 4381 — **O Banho de Suzana** — A's 21 e 30 — com Wendy Barrie e Gene Gerard

CONDES — TELEF. 22523 — **OS MISERAVEIS** — 1.ª jornada — ás 15 horas; 2.ª jornada — ás 17 horas; 3.ª jornada e ultima — A's 21 e 30

ODEON — Telef. 26 83 — **Eu fui uma espia** — com **Madeleine Carrol, Conrad Veidt, Herbert Marskal** — A's 21 e 30

PALACIO — Telef. 47163

POLITEAMA — Telef. 2 6305 — **Harold, missionario** — A's 21 e 30 — com Harold Lloyd

PARIS — Tel. 2 8777 — Ás 3 e 45 — A princesa das Czardas — O Bandido do Texas

CAPITOLIO — GADO BRAVO — Flagrante delito — Bilhetes desde 1$60

TERRASSE — O homem invisivel — Matar ou morrer — Ás 21 e 15 — Telef. 20917

LYS — Telef. 4 8560 — O homem invisivel — CINARA — ás 21 e 15

ROYAL — O Lago do Amor — Fidalgo ladrão — ás 21 e 45 — Telef. 4 5037

JARDIM CINEMA — KING-KONG — O presidio diverte-se — ás 20 e 45

EUROPA — Os misterios da Selva — 24 partes — ás 21 — TELEF. 4 6961

BEIJOS QUENTES

A Musica

Orquestra Filarmonica de Madrid

Perez Casas, o simpatico e consagrado maestro espanhol, é já quasi uma figura familiar para os apreciadores de musica portugesa. Familiar, e querido, pois o Coliseu apresentou uma enchente imponente e entusiastica para ouvir o primeiro dos três concertos que a «Orquestra Filarmonica de Madrid» vem dar a Lisboa.

A competencia e a extrema probidade de Perez Casas—nessa competencia está englobada a orquestra, pois uma não podia existir sem a outra—justificam esse acolhimento, é certo. Este primeiro programa, quasi todo composto de obras de folego, pertencentes ao romantismo por assim dizer classico—as aberturas «Leonor», de Beethoven; Freyschutz, de Weber; a «Sinfonia Incompleta», de Schubert—e ao romantismo pitoresco e descritivo—a «Sinfonia do Novo Mundo», de Dvorak; os «Preludios», de Liszt;—evidenciou plenamente a meticulosidade com que tudo é preparado e realizado, baseado no mais exemplar cuidado na qualidade do som, e no «ataque»—todos os «ataques em todos os instrumentos, cordas, madeiras metais; assim, a delicadeza de certos «pizzicatos» atinge quasi a delicadeza da harpa, os contrabaixos conseguem ser nitidos, os «tutti» nunca são empastados e instrumentos de sopro nunca dão a desagradavel impressão de que se desperdiça ar; tambem ha que mencionar a maleabilidade da batuta, a boa distribuição de coloridos, o detalhe do trabalho de fraseado, enfim, um sem conto de pormenores, de que resulta um conjunto que a todos convence e domina, desde que os anima uma emoção, sóbria mas sincera e inteligente, como é o caso.

Os fragmentos que o publico mais distinguiu pela interpretação, de entre um prazer auditivo continuo, foram o «Andant» da «Sinfonia Incompleta», o «Largo» da «Sinfonia de Dvorak; «Os Preludios», em que Liszt, o mais genial de todos os «virtuoses» do piano e tambem um prodigioso artista no brilho e equilibrio da orquestração, e a «Leonor», realizada num bom estilo, quasi demasiadament castigado para a idéa que fazemos da indole arrebatada de Beethoven.

A orquestra colocada no proscenio melhorou ainda as condições acusticas.

E o programa é acompanhado de notas explicativas feitas com criterio, a dentro da biografia sintetica, e tambem do romantismo de que todos os trechos que o compõem são impregnados.

FRANCINE BENOIT

GREMIO DE BELEM

O Gremio de Belem, a colectividade elegante da parte ocidental da cidade, vai estar em festa nos dias 26 e 27 do corrente, como noticiámos já. No domingo, comemora o seu 1.º aniversario, o que motiva o intenso jubilo que reina na «élite» de Belem e arredores.

Ansiosamente se aguardam essas festas, com a certeza, aliás nunca desmentida, de que elas terão o maior brilho. No sabado, representam-se as peças «Rosas de todo o ano», de Julio Dantas; «A Mentira», de Marcelino Mesquita; «Ao fim do dia» e «Velhacarias infantis», e no domingo, haverá, depois da sessão solene, um sarau, no qual comparticiparão a eximia pianista sr.ª D. Maria do Carmo Martins Lopes de Sousa e o primoroso baritono sr. Armando Mira Saraiva. Por este programa se vê que a direcção do Gremio de Belem primou em dar aos seus associados festas condignas da data feliz a celebrar, podendo garantir-se que os bailes, fêcho das duas festas, só terminarão, como é já vulgar no Gremio, quando o sol espreitar no horizonte.

São provas do interesse despertado pelas festas comemorativas o facto de já estar esgotada a lotação da sala, o constante pedido de bilhetes de convite e o roseiral de festas lindas que o Gremio deixa atrás dêste seu primeiro ano de existencia.

O seu orgão de propaganda, «A Voz do Gremio», publicou um numero especial, de dez paginas, que temos presente e através do qual perpassa a catgorica afirmação do amor, do carinho e da fé que áquela instituição recreativa, literaria e instrutiva consagram todos os seus socios.

Gremio de Belem é, sem duvida, um forte motivo de orgulho para os sete incansaveis fundadores da encantadora agremiação.

BEIJOS QUENTES

Automoveis sem chauffeur

Alugam-se. R. Andrade Corvo, 6

Dois marcos fontenarios

na freguesia de Erra, Coruche

Na freguesia de Erra, concelho de Coruche, foram inaugurados oficialmente dois marcos fontenarios, importante melhoramento cuja falta de ha muito se fazia sentir e que por isso constituia uma grande e justa aspiração do povo daquela localidade.

O presidente da Camara de Coruche inaugurando um dos marcos fontenarios

Antes do auto inaugural realizou-se na escola municipal uma sessão solene, presidida pelo sr. João Lopes Carvalho, presidente da Camara Municipal e administrador do concelho, que fez um discurso de bôas vindas, seguindo-se no uso da palavra varios outros oradores que foram unanimes em aplaudir a vasta obra realizada já pela municipalidade e o interesse por ela manifestado em tudo quanto vise o desenvolvimento do concelho de Coruche.

Perante numerosa assistencia, procedeu-se depois á inauguração dos referidos marcos fontenarios, em cuja canalização se empregou, numa extensão superior a 2.000 metros, o fibrocimento nacional «Lusalite».

Depois foi servido na escola municipal, um lanche, durante o qual se trocaram afectuosos brindes.

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Matilde Gonçalves de Freitas Machado, D. Isabel Couto de Almeida Rainha, D. Mariana Reynolds Coutinho de Castro, D. Margarida Andresen da Costa Machado, D. Maria Margarida de Lemos Azevedo, D. Maria Joana Berquó Folque de Mendóça (Vale de Reis), D. Maria do Castelo Ribeiro Teles e a menina Ana Maria Ramos do Sacramento Monteiro.

A CARIDADE

«Chá mah-jong»

E' amanhã de tarde que se realisa nos salões do Avenida Palace o anunciado «chá Mah-jong» de caridade, que uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que fazem parte D. Ana Leite Pereira de Foyus e Freitas, condessa de Taboeira, D. Eugenia Corrêa de Sampaio de Castro Pereira, D. Izabel Ortigão Burnay de Almeida Belo, D. Judite Benjamim Pinto, D. Maria Adelaide Daun e Lorena de Carvalho Nunes, D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, D. Maria Eugenia Barbosa de Guimarães Serodio, D. Maria da Nazaré de Almeida de Carvalho Daun e Lorena e D. Maria Roquete de Campos Henriques, leva a efeito cujo produto se destina a favor de varias obras de beneficencia, patrocinada pela mesma comissão.

Alem de partidas de «Mah-Jong», haverá tambem de «Bridge» e de «Bluff».

DOENTES

Na casa de saude da Estrela foram operadas com muito exito pelo habil cirurgião dr. Bastos Gonçalves as meninas Alice Teixeira Pereira Correia e Aurora Prista da Conceição Caetano.

RUTHER.— Usado diariamente revigora os cabelos tornando-os soltos e brilhantes. Destina-se principalmente a todas as pessoas que desejam readquirir a coloração dos seus cabelos de uma forma lenta, progressiva, **sem dar nas vistas.**

Conferencias

O professor alemão E. von Beckerath, ontem chegado a Lisboa, realiza nos proximos dias 29 do corrente e 2 de fevereiro proximo duas conferencias no Instituto Superior de Ciencias Economicas e Financeiras, respectivamente subordinadas aos temas: «O Estado e a Economia» e «A Crise da Ciencia financeira liberal».

Hoje: sensacional noite de arte no Coliseu. O 2.º Concerto da Grande Orquestra de Madrid.

O formidavel pianista Leopoldo Querol pela primeira e unica vez

O acontecimento agora mais em foco na nossa capital é o dos concertos da Grande Orquestra Filarmonica de Madrid no Coliseu, sob a direcção do eminente maestro Perez Casas. Quem assistiu ontem ao delirante, quasi alucinado entusiasmo do publico após as execuções de cada trecho por esta falange de artistas máximos que compõem uma das melhores orquestras do mundo, logo compreende que este interesse se manifesta hoje de novo, no 2.º Concerto, tanto mais que á maravilha sinfonica se junta a apresentação, pela primeira e unica vez entre nós, do assombroso pianista Leopoldo Querol, um dos mais extraordinarios valores modernos do mundo musical, concertista de prodigiosa tecnica e profundo saber, doublé de homem de ciencia, doutor em filosofia e letras, professor da Universidade, latinsta consumado e preclaro erudito, a quem se devem investigações interessantissimas e a publicação do cancioneiro de Upsala, além de outras obras de valor cultural.

Leopoldo Querol que é o pianista escolhido pelos melhores compositores da actualidade, como Ravel, Prokovieff, Markevitch e outros, para a primeira interpretação das suas obras, vai executar esta noite a mais bela obra de Falla: «Noites nos jardins de Espanha» em que é um verdadeiro e raro assombro.

Temos a certeza que o publico de Lisboa continuará a corresponder a este gesto da Empresa do Coliseu que, indiferente a interesses e aos pesadissimos encargos dum empreendimento cultural deste valor, sem subsidios de qualquer especie, tendo que pagar viagens e hospedagens de um enorconjunto de artistas, apresenta a preços populares uma das melhores orquestras do mundo e, na mesma noite, um dos melhores pianistas da actualidade. O programa de hoje é o seguinte:

1.ª Parte: «Fausto»—Abertura, de Wagner, «Parsifal», O jardim encantado de Klingsor, de Wagner. 2.ª Parte: «Noites nos Jardins de Espanha», de M. de Falla, Impressões sinfonicas para orquestra e piano, I No Generalife II Dança longinqua, III Nos Jardins da Serra de Cordova, Os dois ultimos tempos executam-se sem interrupção, Piano: Leopoldo Querol. 3.ª Parte: «A Kowantchina,», Preludio, de Mussorgsky, «Uma Noite no Monte Calvo», Fantasia Sinfonica, de Mussorgsky, «Capricho Espanhol», de Rimsky-Korsakoff, Alvorada, Variações, Alvorada, Cena e canto cigano e Fandango asturiano.

A orquestra toca pela primeira vez no palco e a cupula do Coliseu está vistosamente ornamentada.

Amanhã: 3.º Concerto. Bilhetes á venda.

Bombeiros Voluntarios da Ajuda

Completaram as escolas de bombeiros ficando inscritos no corpo activo dos Bombeiros Voluntarios da Ajuda (Cruz Verde), os srs. Eduardo Pinheiro, Raimundo Ramos Rego, Vitor Brandão, Carlos Soares e Manuel Esteves. A instrução foi-lhes ministrada pelo sr. Manuel da Silva, instrutor oficial dos Voluntarios e comandante dos Bombeiros Voluntarios de Odivelas, em homenagem ao qual se realiza no proximo domingo um almoço intimo, cuja inscrição se encontra aberta na séde desta colectividade, praça da Alegria.

O RESTAURANTE «CHIC», da praça dos Restauradores, aberto toda a noite, dá garantia de asseio porque tem uma cozinha modelarmente montada e uma «Frigidaire» que mantem os mariscos, carnes e peixes, nas melhores condições de consumo.

Serviço á Carta, rapido, abundante e perfeito.

ONDULAÇAO PERMANENTE

E aplicações, Se V. Ex.ª precisar fazer qualquer destes trabalhos não hesite. Dirija-se ao **Salão Sousa,** porque ninguem lhe fará melhor. Seus preços: **50$00** garantida por 6 meses, e **70$00,** garantida por 10 meses; aplicações desde **30$00.** Acompanhados das suas luxuosas instalações e da sua indiscutivel seriedade e frequencia, dão-lhes o primeiro lugar, a que tem jus. Os proprietarios e artistas. Gabriel Sousa e Madame Sousa.

Salão Sousa, Av. da Liberdade, 236, r/c, (junto ao coreto), **Telef. 45416**

BOLSAS

CONTADO

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 6 1/2 % 1923 convert. em 4 3/4 % 1931	1.107$00	1.106$00	1.108$00
Consolidado 5 1/2 % 1933	1.065$00	1.064$00	1.066$00
» 4 1/2 % 1933	995$00	992$00	—
» 4 % 1934	930$00	929$50	931$00
Externo 3 % 1.ª Serie	1.568$00	1.567$00	1.570$00
» 3 % 2.ª »	—	—	—
» 3 % 3.ª »	—	1.585$00	.595$00
Emp. 4 1/2 % 1912	—	—	—
» 6 1/2 % 1930-Consol	516$50	516$50	517$50
» 6 3/4 % 1930-Portos	517$00	517$00	51·$00
» 6 % 1932	—	1.017$00	1.022$00
Acções			
Bancos			
Comercial de Lx.ª port	440$00	435$00	445$00
Lisboa & Açores »	—	395$00	415$00
Portugal »	—	1.071$00	1.080$00
Espirito Santo	—	610$00	620$00
C.ª de Seguros			
Bonança	—	—	—
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	178$00	180$00
Nacional	—	—	850$00
Sagres	—	990$00	1.050$00
Tagus	—	690$00	700$00
C.ª diversas			
C. P. ordinarias	—	97$00	102$00
» » privilegiadas	—	—	—
Aguas de Lisboa, port.	—	670$00	695$00
Cerveja Estrela	—	236$00	239$00
Cimentos de Leiria	—	—	—
Credito Predial	—	27$50	28$00
Gaz e Electricidade	302$00	301$50	302$00
Navegação	—	58$00	19$00
Portugal e Colonias	70$70	70$7	71$90
Portuguesa de Pesca	—	—	—
» de Tabacos	383$00	383$00	385$00
Tabacos de Portugal	—	322$00	337$00
Tabaqueira	550$00	545$00	555$00
União Electrica Portug	—	181$00	—
Coloniais			
Assucar d'Angola	—	91$00	94$00
Busi—1.ª Emissão	—	37$00	37$40
» —2.ª »	—	34$00	—
Ilha do Principe	—	143$00	147$00
Obrigações			
C. P. 6 %	529$00	528$00	530$00
Prediaes 6 % —1932 1.ª	—	90$00	91$00
» 7 %	119$50	119$00	120$00
U. Electrica Port. 7 1/2	—	124$50	124$50
Busi 9 %	128$50	128$50	—

Henrique de Barros Gomes

Corretor oficial da Bolsa de Lisboa

Telef. 2 5482 Rua S. Julião, 69

CHEQUE SÔBRE	Compra	Venda
Londres	110$05	110$20
Paris	1$47,4	1$47,6
Madrid	3$05,3	3$05,6
New-York	22$57,6	22$59,6
Zurich	7$2 ,6	7$24,2
Roma	1$90,9	1$91,1
Bruxelas	5$21,6	5$22,1
Amsterdão	15$11,8	15$13,2
Berlim	8$97,8	8$98,7
Praga	$93,4	$93,5
Rio de Janeiro	1$46,2	1$46,3
Libra ouro	—	—

Gremio Alentejano

Realiza-se no proximo sabado, no Gremio Alentejano, um sarau, seguido de baile, que vai constituir uma explendida noite de arte.

Tomam parte nele, além de outras individualidades marcantes no meio musical, a sr.ª D. Izaura Garriga, considerada justamente como um dos nossos primeiros sopranos ligeiros, os distintos concertistas D. Margarida Castro e Mario de Sousa Santos e Jaime Ferreira, o tenor Morgado Mauricio e a declamadora sr.ª D. Anita Patricio.

Junta de Freguesia da Ameixoeira

No proximo dia 31 ás 14 horas realiza-se na séde da Junta de Freguesia da Ameixoeira uma sessão solene para inauguração dos retratos do Chefe do Estado, do presidente do Conselho e do governador civil, devendo no mesmo dia ser inaugurado tambem um marco fontenario no largo do Terreiro, daquela freguesia.

RUTHER.— E' o unioc tonico que alimenta o **Bulbo piloso** devido á sua esmerada preparação, não contendo precipitado, e uma das bases principais é o **enxofre.**

Agradavelmente perfumado, de aspecto atraente, o **Renovador «Ruther»** difere de todos os produtos similares actualmente no mercado, quer nacionais quer estrangeiros, não só pela sua magnifica preparação como pelos seus esplendidos resultados.

O ESPUMOSO Tagide E SUPERIOR

L. da Anunciada, 19 — Tel. 2 7574

Hotel Miramar
MONTE ESTORIL
Hotel Costa. Cintra

A Cidade

RADIO EUROPA
REPARAÇÕES
T. S. F.
O LABORATORIO
mais completo do país
R. Augusta, 75, 1.º—LISBOA

Vidas sombrias

Um caso doloroso de abandono

Ha cerca de três anos veio para Lisboa servir uma rapariga dos arredores de Viseu, chamada Maria do Rosario, que tem agora 24 anos de idade.

A breve trecho, como acontece a tantas que não sabem, como ela, acautelar-se das ciladas que a cidade tem, um sujeito qualquer iludiu-a com promessas de casamento das quais resultou ficar a rapariga abandonada de todos e com um filho nos braços.

Maternidade, um ano de internamento providencial na Misericordia, todos os recursos possiveis da assistencia, enfim a ser-lhe amparo na contingencia amarga em que se via.

Até que ha dias decorrido o praso de internamento na Santa Casa, a Maria do Rosario teve de procurar vida. E viu-se outra vez na rua, sem pessoa amiga a que se achegasse e sem pardieiro, em que se abrigasse do frio. Dirigiu-se á Policia, no Governo Civil, e ali consentiram, por esmola, que a pobre mais o filho tivessem guarida provisoria.

A criancinha, porem, de tanto frio sofrer, adoeceu de bronco-pneumonia e vai morrer, por certo, sacrificada á miseria que a trouxe ao mundo.

Maria do Rosario correu com ela ao hospital de S. José, á consulta do sr. dr. Leite Lage, de que é director o sr. dr. Cordeiro Ferreira, e ali, observada a doente e prescrito o tratamento, mandaram-na, naturalmente, em paz.

Para onde? Para a rua outra vez?

A desgraçada mãi, aflita na sua dôr e no seu triste desamparo, arrumou-se no canto dum corredor a chorar, abraçada ao filho enfermo, e para ali ficaria abandonada de tudo e de todos, se o sr. dr. Cordeiro Ferreira, dando com ela naquela situação confrangedora não se condoesse de tamanha desdita, mandando-a internar com o filho, na enfermaria Leite Lage, do hospital da Estefania.

O advogado dr. Lorena Santos

renunciou á defesa do capitão Almeida Pinheiro

O sr. dr. Lorena Santos renunciou a continuar defendendo em juizo o capitão sr. Almeida Pinheiro, recentemente condenado a pena maior, como se noticiou. A decisão do ilustre advogado resultou de terem surgido divergencias entre ele e o seu constituinte acêrca do julgamento do mesmo.

O sr. capitão Almeida Pinheiro, que continua preso no Castelo de S. Jorge, constituiu seu advogado o sr. dr. Oliveira Santos, tambem oficial do Exercito, que hoje esteve no Tribunal Militar, em Santa Clara, a fim de estudar o processo e de fazer entrega do competente recurso, o qual será julgado nos fins de fevereiro.

Excursão aerea

Devem chegar amanhã a Alverca, vindos de Sevilha, oito aviões de turismo, pilotados por aviadores civis, socios do Aero-Club daquela cidade, que vêm a Lisboa em visita de propaganda da aviação desportiva e das festas da Semana Santa e da Feira sevilhana. Entre outros «ganaderos», fazem parte da excursão os srs. Fernando Flores, marquez de Parada, Pablo Benjumea, José Maria Osborne, Recasense e Julio Canario. Vem tambem com eles o desportista português sr. Rogerio de Macedo, que ha tempos se encontra na Andaluzia caçando veados.

Promoções na Armada

Por ter passado hoje á reserva o contra-almirante sr. Constantino de Lima são promovidos: a contra-almirante, o capitão de mar e guerra sr. Santos Pradique; a capitão de mar e guerra, o capitão de fragata sr. Carvalho Crato; a capitão de fragata, o capitão-tenente sr. José Francisco Monteiro e a capitães-tenentes os 1.os tenentes srs. Negrão Neto e Duarte Silva.

Prefira a «CHIC» para os seus almoços e jantares, e verá que todo o serviço lhe dará inteira satisfação.

O sr. Melo Barreto

continua em estado grave

MADRID, 25, ás 16 horas. (Pelo telefone).—O estado do embaixador de Portugal, sr. Melo Barreto, continua a ser gravissimo, embora não se tivesse repetido qualquer crise depois desta madrugada.

O sr. dr. Fernandez Alcalde, que hoje, por varias vezes visitou o ilustre enfermo, mantem o seu pessimismo confirmado pelo do sr. dr. Marañon, declarando que as melhoras que por vezes se notam são apenas aparentes, pois a doença segue a sua marcha fatal. Contudo, a ciencia tenta por todos os meios ao seu alcance debelar as crises agudas de coração e cortar a intoxicação geral. «Enquanto ha vida, ha esperança»—é a frase corrente no palacio da embaixada.

Hoje estiveram a informar-se do estado do embaixador de Portugal o sr. Sanchez Guerra, secretario da Presidencia da Republica Espanhola, e varios membros do Corpo diplomatico, entre os quais o Nuncio de Sua Santidade e o embaixador da Inglaterra.

O sr. Melo Barreto está no plano uso das suas faculdades, fala, embora pouco, com raciocinio clarissimo, e procura mesmo interesar-se pelos assuntos da chancelaria, o que evidentemente não lhe é consentido.

A seu lado encontram-se sua ilustre esposa e filho Jorge, seu sobrinho Henrique consul de Portugal em Huelva, e os secretarios da embaixada srs. visconde de Riba Tamega e Nunes da Silva.

Os registos encontram-se cobertos de nomes de pessoas da maior categoria em Madrid, que se informam constantemente do estado do enfermo.—(Especial).

Os japoneses bombardeiam

a cidade de Chab-Har

PEIPING, 25—O bombardeamento aereo das forças japonesas, nas proximidades da cidade de Tu-Shi-Kou, espalhou a morte e a destruição entre os soldados rebeldes e entre a população civil. Os ataques a Chab-Har são cada vez mais intensos.

Noticias oficiais confirmam que dez bombas dos aviões japonesas caíram dentro da area da Grande Muralha e na cidade de Ku-Yan. As baixas chinezas calculam-se em 50 e as japonesas, pelo menos, em 19.

Nos ultimos três dias de luta, que se tem travado na fronteira de Jehol, os soldados irregulares chineses, sob o comando do general Sun-Cheng-Yang, são acusados de pretender estabelecer um Estado independente naquela zona, a fim de atentar contra a soberania de Manchukuo.—(U. P.)

JULGAMENTOS NA BOA-HORA

No 3.º Juizo Criminal, presidindo o juiz sr. dr. Gomes Paulo, realizou-se o julgamento de João da Graça, Antonio Filipe e Manuel Simões, respectivamente maquinista, capataz e engatador da C. P., acusados de, na tarde de 2 de junho do ano findo, quando tripulavam um comboio de mercadorias, terem colhido uma camioneta guiada pelo *chauffeur* José Simões.

Do embate resultou ficarem feridos o motorista e ainda uma mulher de nome Maria de Oliveira.

A sentença deve ser lida amanhã.

—No mesmo Juizo, começou o julgamento, á revelia, de Candido Lopes de Almeida, acusado de ter cometido um abuso de confiança no valor de dezoito contos, de que foi vitima José Ferreira Lampeão. Depois de ouvidas varias testemunhas, a audiencia foi interrompida, devendo continuar no dia 7 de fevereiro.

Gastão de Bettencourt

A sua viagem ao Brasil

Transcrevemos gostosamente de «A Informação», do Rio de Janeiro, as referencias que o importante orgão da Imprensa brasileira, faz ao nosso enviado especial ao Brasil, Gastão de Bettencourt, agradecendo ao mesmo tempo, vivamente penhorados, as palavras amaveis que dedica ao «Diario de Lisboa» e ao seu director.

Diz a «Informação»:

«O Rio hospeda, novamente, Gastão de Bettencourt, nosso brilhante confrade da Imprensa de Portugal. Não é necessario privar do circulo das relações de amizade desse jovem intelectual para reconhecer e proclamar a vivacidade do seu espirito facilmente aberto ás emoções da beleza, e constantemente interessado pela evolução das artes, que sua pena examina e estuda com autoridade e encanto.

Gastão de Bettencourt veio ao Rio e irá a S. Paulo e outras cidades nossas como representante e em missão especial do «Diario de Lisboa», o grande quotidiano que obedece á superior direcção de Joaquim Manso, e representa, na patria dos nossos ancestrais, um reduto onde se estreitam afectos e se fundam e renovam dedicações no intercambio da fraternidade luso-brasileira.

Quando, em seguida aos acontecimentos destes ultimos anos, figuras evidentes das melhores categorias sociais brasileiras foram exiladas, o «Diario de Lisboa» e a grande alma do dr. Joaquim Manso prodigalizaram ás vitimas da inclemencia politica todo o conforto de que necessitavam quantos se ausentaram compulsoriamente da terra natal, isto sem preocupação opinativa, sem participar das causas cuja apreciação nenhum exilado fez no exterior.

Com as credenciais de mandatario do «Diario de Lisboa» e com seus titulos proprios, Gastão de Bettencourt, que é ainda, delegado da Associação Brasileira de Imprensa na capital do país irmão, tem sido rodeado das homenagens que todos aqui lhe devemos».

Julgamento de um furriel

no Tribunal Militar

No 1.º Tribunal Militar Territorial, presidido pelo sr. coronel Achemann, está a ser julgado o furriel de artelharia 3 Joaquim Antonio da Graça Junior, que é acusado de, por impericia, ter ocasionado a morte de um soldado, Porfirio Francisco, quando em 20 de agosto do ultimo ano lhe ministrava instrução de cavalaria no picadeiro do quartel.

Compareceram no tribunal 27 testemunhas—3 oficiais, 7 sargentos e 17 soldados; tendo o reu alegado que não teve culpa no acidente.

Nos debates intervieram o sr. capitão dr. Pestana, promotor de Justiça, que pediu a aplicação da lei, e o tenente-coronel sr. Tamagnini Barbosa, defensor do furriel.

A sentença será lida tarde.

Dois crimes num só

Chegou hoje a Lisboa, sob prisão, tendo dado entrada nos calabouços do governo civil, Justino Marques Gomes, que em Povoa de Varzim agrediu a tiro um trabalhador.

O preso respondeu no Tribunal Militar Especial por uso de arma proibida, depois do que será entregue ao tribunal civil para responder por homicidio frustrado.

No CAFÉ-RESTAURANTE «CHIC» ha os melhores mariscos e cerveja, como a que melhor se tira nos estabelecimentos congeneres.

A figura literaria

de Batalha Reis e a Escola de Coimbra

Com a morte de Batalha Reis desaparece um dos ultimos representantes da geração de 65. Da sua actividade literaria fica um documento admiravel: o prefacio das «Prosas barbaras». E deve dizer-se que nenhum outro possuimos para dar idéa exacta da actividade do grupo de intelectuais no qual enfileiraram Eça de Queiroz e Antero do Quental. O homem que ontem faleceu, na sua casa tranquila do Turcifal com mais de oitenta anos, colaborou nesse movimento de renovação com o talento e o ardor que constituiam caracteristicas destacantes do seu temperamento.

A renovação do pensamento português, demorada pela decadencia de romantismo, e a transformação das formulas anquilosadas pela literatura oficiosa do meado de seculo dezanove encontraram nele um cooperador entusiasta e um adepto cheio de lucidez e de boa vontade.

A veemencia com que se lançou no combate que, rotulando-se de escolas, atingia a propria essencia da nossa vida espiritual levou-o a trabalhar na preparação das famosas conferencias do Casino. A intervenção de governo, impedindo que estas prosseguissem, determinou o seu protesto caloroso expresso numa carta que dirigiu ao Duque de Avila. As saborosissimas revelações que nos deixou sobre a formação e a existencia do Cenaculo, os retratos cheios de bom humor e de verdade que traçou das principais personagens da batalha literaria do tempo constituem documentação indispensavel para o estudo duma época em que os ideais nobres e as aspirações generosas encontraram interpretes de excepcional talento.

Assim, na historia da literatura e de pensamento português, Jaime Batalha Reis ocupará um lugar de destaque alcançado na pugna rija das idéas e da sua tradução.

O falecido ingressou cedo na carreira consular, onde desempenhou missões delicadas e importantes, transitando depois para a diplomacia e desempenhando as funções de nosso representante em S. Petersburgo. Encontrava-se aposentado desde 1922. O «Diario de Lisboa» apresenta á familia de Batalha Reis a expressão do seu pesar.

DE LUTO

Francisco José Pereira

Faleceu ontem, com 70 anos de idade, o sr. Francisco José Pereira, antigo deputado ás Constituintes e em varias legislaturas, director geral do Congresso da Republica e republicano categorizado que na propaganda do regime se evidenciou pelo jornalismo na sua região de Santarem, pelo comicio e pela sinceridade com que defendia os seus ideais. Homem simples, profundamente honesto, e indefectivel na sua doutrina politica, o seu nome é agora evocado respeitosamente por quantos o conheceram.

O seu funeral realiza-se amanhã, ás 12 horas, da rua Correia Teles, 34, para o cemiterio dos Prazeres.

A GARRETT Largo do Chiado, 9 e 11
Almoços completos de 12 e 16 Esc.
Jantares completos de 15 e 18 Esc.

No TIVOLI: um filme grandioso
O JUDEU SUSS
com uma "mise-en-scène, riquissima e uma interpretação genial de **CONRAD VEIDT**

No **São Luiz:** O maior espectáculo do ano!
TRAZAN E A COMPANHEIRA

Pinte os seus cabelos com KOMOL e será sempre jovem
REPRESENTANTE
M. Cabral
Avenida Almirante Reis, 166 r/c.dt.º
Telef. 4 6865
DEPOSITARIO:
Farmacia Oliveira
Rua da Prata, 240

SUM E' o melhor limpa metais

A Cidade

Fatos a prestações
De 15$00 por semana, com bons forros e esmerado acabamento, só na Alfaiataria Lanas, Limitada.—Praça D. João da Camara, 4, 1.º (por cima do Café La Gare)
Em frente da estação do Rossio

UMA REPORTAGEM DOCUMENTAL

A igreja de Santa Engracia terá condições para se adaptar a Panteão Nacional?

Ha três seculos que, no Campo de Santa Clara, tendo por horizonte o Tejo, se ergue, incompleta, paralizada no seu vôo gigantesco de altura um dos mais belos e mal fadados templos de Portugal. Nunca lhe chamaram Santa Engracia, mas Obras de Santa Engracia, pitoresca locução popular que indiferentemente se aplica a todas as construções que não chegam ao seu termo. Foi o que sucedeu á sumptuosa igreja, no dizer esclarecido de Ramalho um dos mais belos especimes de arquitectura religiosa do seculo XVII, sem rival no mundo.

A sua traça é bastante original, para não lhe chamarmos bizarra. No quadrado das paredes mestras inscreve-se internamente um circulo, dividido em quatro capelas de descomunal altura, que convergem para uma abertura, onde se devia erguer um esvelto zimborio, talvez maior que o da Estrela. A cada capela correspondia uma torre, ou sejam quatro, o que recortaria admiravelmente o edificio, numa teoria de tiaras de marmore, lembrando, talvez, pelo bizantinismo, do recorte algo dos monumentos da velha Russia dos tzares.

Mas a obra era talvez desmedida para o tempo. Devem-se ter gasto alirios de dinheiro. A magnificencia que resta atesta o valor da empresa, mas por isso mesmo a invalida.

Ficou-se a meio, na ossatura geral, sem coragem, nem recursos para lhe dar o remate condigno. Algumas pedras devem existir naquele mole gigantesca da primitiva igrejinha, do mesmo nome que, nos principios do seculo XVII, foi vitima dum sacrilegio, o roubo do sacrario, crime imputado a Simão Perez Soliz, que morreu queimado.

Só depois das suas cinzas deitadas ao Tejo se soube que o pobre Soliz estava inocente de tamanho desacato.

A igrejinha, no entanto, interdita ao culto, foi arrazada, para maior dignidade e grandeza de Deus. Começaram, então, as obras de Santa Engracia—que nunca mais deviam terminar. Não andará rondando pelo local, numa suprema vingança, o espetro escorrido do pobre Soliz? Seja como fôr, o templo merecia melhor destino.

Ramalho, seu admirador incondicional, defendeu a necessidade de o convertER em panteão nacional. O assunto voltou agora á discussão. Actualizou-se. O ministerio das Obras Publicas, nomeou uma comissão da qual fazem parte os srs. Pastor de Macedo, Matos Sequeira, Pereira Dias, Francisco Franco e Ribeiro Cristino, para se pronunciar em definitivo, sobre as possibilidades de instalar ali os mortos que bem mereceram da Patria.

A comissão que devia hoje visitar Santa Engracia, adiou á ultima hora a visita *sine-die*. Os jornalistas que ali se encontravam no intuito de acompanhar a comissão na sua visita, não perderam o seu tempo. Fizeram de comissão de vistoria artistica» e entraram, com a curiosidade natural de quem la, se não desvendar um misterio, de colher, flagrantemente, algumas notas documentarias sobre o estado actual do que é considerado monumento nacional.

* * *

A igreja de Santa Engracia é hoje uma dependencia dos serviços fabris do exercito.

No tempo da guerra, instalou-se ali uma oficina de calçado, *tant bien que mal*. A parte interior do templo está hoje ocupada com maquinas, armazens de sola, retalhos, confuzão mais aparente do que real, que causa uma impressão confrangedora de tristeza. Tanto por fora, como por dentro, nunca se limpou o edificio. A chuva não é só suficientemente corrosiva para desencardir as fachadas, mas, pelos intersticios da pedra, pelas fendas abertas pelo terramoto de 1908—que o de 1755 deixou-o incolume—e ainda pela cimalha de zinco ondulado, mal estanque, que substituiu a cimalha real, a agua filtra ressumando dos belos marmores e cantarias.

Lá dentro, a sombra é espessa. As ajuntadeiras trabalham á luz electrica. Dois feixes brancos de luz, que descem das lucarnas, são como holofotes numa paisagem submarina. Paredes ennegrecidas. Nichos entaipados. A capela norte bloqueada por uma parede de argamassa um casinhoto de madeira no altar-mór, baldaquinos sem estatuas, janelas interiores sem balaustradas, nem vidraças, poesia humidade e detritos tem o seu quê, se não de profanação religiosa, pelo menos, de profanação artistica.

Os marmores, de certo, de variegadas cores, limpidos, brilhantes, não se reconhecem sob a espessa camada de poeira que os seculos ali acumularam. O maniquinismo e os desperdicios, os armarios toscos, com regimentos alinhados de fórmas, criam um ambiente intercalito, fantastico á magnifica joia arquitectonica. As suas abobadas são dum grandioso arrojo de altura. Cavam sombras, destacando-se aqui, e ali, num branco doente, de extramundo, alguns pormenores de cimzel. Enormes colunas, embebidas nas paredes, de capiteis corintios, nobres e pesadas, segurando abbadas, de meia lua, obrigam a pupila a escalar dezenas de metros.

E' um sonho, uma beleza morta. O silencio, quando a oficina pára, impressiona. O homem é ali demasiadamente pequeno, numa escala de formiga para o todo grandioso, severo, compacto, sem torturas de estilo, mas frio, como um hipogeu.

Para tudo pode servir Santa Engracia menos para oficinas de calçado, de resto de abalada para edificio proprio, não longe dali, já em via de conclusão. A ocidente, fica a entrada principal, portico de barroco, de colunas salmonicas, luxuosamente talhado, unica obra de exuberancia artistica, que ali se assinala, discutivel até no ritmo severo do edificio.

Subimos os duzentos degraus que levam ao terraço, plataforma cimentada, onde se incrusta o coberto de zinco, em cuja rais se devia erguer a cupula, flanqueada de quatro torres.

Retalho inedito dos telhados de Alfama na sua pobreza de mundo ignorado, com trapeiras, lucarnas, vasos de flores, roupa a secar, canticos de trabalho e choros de crianças.

Santa Engracia domina aquilo tudo, como uma obra megalitica, indestrutivel de grandeza. Dois sinos, um para as horas, outro para os quartos, maior aquele, percurtidos por martelos, movidos por um sistema mecanico, vão descontando o tempo dos mortais. O das horas, de belo bronze, já esfacelado nos bordos, é de 1853. Tem as armas reais e foi fundido no Arsenal de Marinha. O outro, tem a seguinte legenda:

S. Bento Martir. Sua Majestade Imperial e Rainha D. Carlota Joaquina e Bourbon. 1829. Antonio Manuel Santareno.

Que deve ser o fundidor. Tem o brazão da rainha. Sobre o manto da rainha sobrepujada pela corôa e dois anjos, risonhos como Cupidos, o escudo de Portugal, e outro, talvez o dos Bourbons.

O terraço inundado de sol, quasi que toca no azul do ceu. As pombas rebeldes do bairro têm ali o seu pombal. Fios de telefone. Traços de fendas atestadas de betume, rugas ligeiras de velhice no formidavel templo setecentista. Um catavento, que regula o quadrante dos monções, e um gran le relogio, onde agudamente, soturnamente, as horas percutem, resvaladas dos velhos sinos, baptizados por Carlota Joaquina.

Descemos. Na escada de cem degraus—é noite. Paredes ciclopicas, espessas como baluartes. Nem as aranhas tecem as suas teias. O panteão ficaria ali bem. A igreja tem a grandeza, a soturnidade, o prestigio dos seculos que dão os mortos, sem campa, o acento digno da imortalidade.

Mas esperemos que a comissão se pronuncie. Talvez que o velho aforismo das «Obras de Santa Engracia» aind desta vez se não elimine da pitoresca linguagem popular!...

O PORTO pelo telefone

Prisão dum cadastrado

PORTO, 25.

A requisição das autoridades de Barcelos, foi preso Antonio Joaquim de Lima, gatuno, residente na rua Armenia.

Este conhecido cadastrado evadiu-se, ha tempos, da cadeia de Barcelos, onde estava á disposição do governo, tendo ultimamente assaltado uma quinta em Arcozêlo, onde praticou um furto de joias e roupas, no valor de quatro contos. O preso foi hoje levado para aquela cidade.

Sonegação de bens

D. Maria Francisca Camein Cardoso, rua de Santa Catarina, comunicou á Policia que, tendo sido contemplada no testamento do capitalista José Rodrigus Ferreira, falecido em Armamar, em agosto findo, até á presente data nada lhe foi comunicado sobre o assunto.

A referida senhora pede investigações sobre o caso, e informou a Policia de que uma grande parte do espolio do falecido, constituido por libras e coupons, se encontra depositada num banco desta cidade.

Varios desastres

Com fractura de cranio, recolheu ao hospital da Misericordia, Albino Martins Monteiro, de Perafita. Igualmente recolheu ali o menor de 3 anos, João Pereira Reis, da rua de Lourenço, com graves queimaduras.

"Rallye" de Monte-Carlo

A classificação dos concorrentes que sairam de Portugal

Segundo informações que recebemos do A. C. P., transmitidas pelo seu delegado no juri do «Rallye» de Monte Carlo, sr. engenheiro Pedro Joyce Diniz, sabe-se que a classificação dos concorrentes que sairam de Portugal foi a seguinte:

Manuel Nunes dos Santos ficou em 67.º lugar na classificação geral e primeiro dos portugueses; Lopes da Silva, em 72.º; Aspilicueta em 75.º; Berlin, em 76.º.

Ribeiro Ferreira, devido a uma avaria na prova de ontem, não pôde classificar-se como era de esperar.

Manuel Nunes dos Santos ganhou brilhantemente a Taça da Comissão Desportiva do A. C. P., destinada ao concorrente português melhor classificado, e a Taça da Direcção do A. C. P. para o concorrente saído de Portugal que melhor se classificasse.

Os vencedores da prova

MONTE CARLO, 25.—O «Rallye» anual de Monte-Carlo foi ganho pelos srs. Charles Lahaye e Robert Autretot, que tripulavam um carro «Renault».—(United Press).

RUTHER.—E' um preparado honesto e de garantia, para todas as pessoas que o usarem poderem atestar a sua eficacia.

Uma desordem grave

Dois individuos agrediram-se mutuamente á facada

Manuel Antunes Lage, condutor de carroças, e Armando Marques, sapateiro, ambos residentes no Beco dos Fogueteiros, quinta do Moutinho, andavam desavindos de ha muito porque o primeiro difamára a mulher do segundo.

Ontem os dois homens encontraram-se, cerca das 23 horas, na rua Maria Pia, e envolveram-se em desordem, agredindo-se mutuamente á navalhada.

O primeiro ficou com varios ferimentos na região frontal e no rosto e o segundo na cabeça, nos braços e nos dedos.

Terminada a contenda, cada um foi para seu lado, aparecendo ambos pouco depois no Posto de Socorros de Campo de Ourique onde os pensaram convenientemente.

Quando se dirigiam para as suas respectivas residencias um guarda da Policia de Segurança, vendo-se cobertos de ligaduras e com o fato manchado de sangue, tratou, como era natural, de saber o que se passara.

Embora declarassem que não queriam nada um do outro, foram ambos presos, sendo-lhes apreendidas as navalhas.

Os faquistas deram entrada hoje no Torel onde o Marques declarou que as facas pertencem ao Lage e o Lage garantiu que elas pertencem ao Marques.

Só o que não negam porque não podem é estarem feridos um e outro.

Henry Garat

Henri Garat, o conhecido galã de cinema que vai exibir-se entre nós numa curta serie de espectaculos, chegou hoje a Lisboa, de automovel, vindo de Madrid. Henry Garat confessou-se encantado com a viagem, que lhe permitiu apreciar algumas das nossas mais belas paisagens, e desejoso de se apresentar ao publico de Lisboa, onde sabe de antemão que conta numerosos admiradores e sobretudo admiradoras. Entretanto, procura refazer-se da longa caminhada á mesa de um «bar» elegante da Baixa, onde o nosso fotografo o surpreendeu, na companhia de Erico Braga, o feliz empresario que o trouxe a Lisboa

O principe de Gales revelou-se

compositor musical

LONDRES, 25.—Causou nesta capital grande sensação o facto do principe de Gales se ter revelado um grande compositor musical, escrevendo uma marcha lenta que já foi entregue ao mestre da banda real para que este a faça executar em breve, num dos melhores teatros de Londres.

Segundo a opinião de maestros afamados, a marcha composta pelo principe de Gales é de uma grande virtuosidade e inspiração musical.—(United Press).

OS MAIS LINDOS PAPEIS PINTADOS

podem agora ser adquiridos

a preços excepcionais!

Até meados de Fevereiro, é concedido em todos os preços marcados nos papeis do nosso variadissimo stock:

o desconto especial de 10 por cento!

visto termos, naquela data, de encerrar temporariamente o nosso estabelecimento, para obras de remodelação, a que nos força o projecto de reconstrução do EDEN TEATRO.

Os nossos preços, que já eram de absoluta concorrencia, ficam agora, com êste desconto, constituindo uma ocasião unica de adquirir barato os mais lindos, mais variados papeis pintados.

Aproveite V. Exª esta vantagem imediatamente, antes que possam esgotar-se os desenhos que mais lhe agradariam. Faça uma visita á

SOCIEDADE DE DECORAÇÕES, LD.ª

Praça dos Restauradores, 19

Ao seu fornecedor

não peça uma «lâmpada»

peça uma

LUMIAR

A lâmpada fabricada em Portugal

por **PORTUGUESES**

para **PORTUGUESES**

POLICLINICA DO INTENDENTE

Avenida Almirante Reis, 27, 2º, — LISBOA — Telefone 4 5587

DR. ABEL ALVES—Ouvidos, nariz e garganta	A's 11 h.
DR. ADELINO COSTA—Cirurgia geral. Operações	A's 17 h.
DR. ALMEIDA DIAS—Doenças nervosas. Electroterapia	A's 14 h.
DR. ANASTACIO GONÇALVES—Doenças dos olhos	A's 17 h.
DR. ARMANDO LUZES—Rins e vias urinarias	A's 13 h.
DR. ARTUR PACHECO—Doenças de pele e sifilis	A's 17 h.
DR. BERNARD GUEDES—Raios X	A's 16 h.
DR. CARLOS FRADIQUE—Doenças das crianças	A's 17 h.
DR. FERNANDO FONSECA—Medicina Geral	A's 15 h.
DR. FORMIGAL LUZES—Mecanoterapia, maçagem, raios ultra-violetas, gimnastica médica, diatermia, etc.	A's 13 h.
DR. MARCELINO MARTINS—Doenças da boca e dos dentes	A's 10 h.
DR. MARIO ROSA—Clinica geral, estomago e intestinos	A's 15 h.
DR. D. PEDRO DA CUNHA—Partos. Doenças das Senhoras	A's 15 h.
DR. PEREIRA DA SILVA—Analises clinicas—Vacinas	A's 14 h.
DR. VASCO DE LACERDA—Clinica medica, coração, pulmões	A's 16 h.

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21 e 30—«Meninas».
Avenida—A's 21 e 30—«Sangue Azul».
Apolo—A's 20 e 30 e 22 e 45—«Zé dos Pacatos».
Gimnasio—A's 20 e 45 e 22 e 45—Henry Gart.
Maria Vitoria—A's 20 e 45 e 22 e 45—«Viva a Folia!».
Coliseu—A's 21 e 30—Concerto pela Grande Orquestra Filarmonica de Madrid.

CINEMAS

S. Luiz—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Politeama—A's 21 e 30
Condes—A's 21 e 15
Central—A's 21 e 30
Olimpia—Das 14 e 30 ás
Chiado Terrasse—A's 21 e
Capitolio—A's 21
Royal-Cine—A's 21 e 15
Paris Cinema—20,45—R. Domingos Sequeira
Palacio—A's 21 e 30
Odéon—A's 21 e 15.
Eden-Cinema—R. do Alvito, a Alcantara
Jardim Cinema—21 e 30—Av. Alvares Cabral

CEVADA SANTA

com chicória

Para os que não devem tomar café
Ilusão perfeita do café
Saudavel e saborosa
Recente. A pêso. Clk.º, 4$40

A Mariazinha

RUA BARROS QUEIROZ, 26 e 28
(Travessa de S. Domingos)

MUDANÇA DE NOME

Alice da Encarnação, de vinte anos, solteira, domestica, natural de Lisbôa, freguesia de Encarnação, domiciliada no Largo do Directório, n.º 13, terceiro andar, freguesia dos Martires, desta capital, filha de Adelino de Almeida Teixeira, pretende modificar o seu nome para **Maria alice de Almeida Teixeira**.

Qualquer oposição legal deverá ser apresentada no praso de trinta dias perante a Direcção Geral dos Serviços Centrais do Ministério da Justiça.

Lisbôa, Sexta Conservatória do Registo Civil em Janeiro de 1935.

O Conservador
Adolfo Teixeira Leitão

COMO UMA ROMÃ... ficará a sua boca rubra, córada, fas cinante, se usar a pasta dentifrica **Mystik**

M. CAMPOS

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA
A DA LIBERDADE 35 TELF. 21866 E NAS BOAS CASAS

D. Maria Josepha Puime Benitez

MISSA

Passando amanhã o 1.º aniversario do falecimento de sua adorada e estremosa mãi mandam seus filhos rezar uma missa de sufragio na Basilica da Estrela, pelas 11 horas.

FEIRA DE LEIPZIG. — PRIMAVERA DE 1935

PRINCIPIA NO DIA 3 DE MARÇO

Grandes abatimentos nos Caminhos de Ferro Allemães
Todas as informações dá o:

LEIPZIGER MESSAMT, LEIPZIG. (Allemanha)

ou o seu Representante Honorario:

A. SCHMIDT Praça dos Restauradores N.º 13 — Lisboa
Tel. 2 5757. Telegr: "Goma".

O TALHO N.º 28

Tem sempre abundancia de banha, toucinho, murcelas, farinheiras, chouriços de carne e de sangue e toda a especie de carne fumada das melhores regiões.

Carne de porco, vitela, vaca e carneiro

Fornece para hospitais, hoteis, casas de caridade, etc., nas melhores condições. Rua dos Fanqueiros, 14 (Mercado da P. da Figueira) - Telef. 2 8460.

O CAFÉ-«CHIC» serve optimos bifes e explendido café á chavena.

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º — Telefone 26519

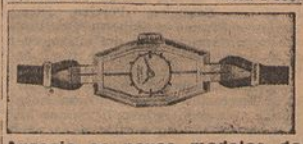
DR. ARMANDO NARCISO—Medicina. Coração e pulmões—5 h.
DR. BERNARDO VILAR—Cirurgia geral operações—5 h.
DR. MIGUEL DE MA[illegible]HAES—Rins e vias urinarias—10 h.
DR. CORREIA DE FIGUEIREDO—Pele e sifilis—3 h.
DR. LOFF—Doenças nervosas. electroterapia 2 h.
DR. MARIO SP MATOS—Doenças dos olhos 2 h.
DR. MENDES BELLO—Estomago, figado e intestinos—3 h.
DR. FILIPE MANSO—Doenças das crianças—2 h.
DR. CASIMIRO AFONSO—Doenças das senhoras operações—2 h.
DR. FRANCISCO CALHEIROS—Garganta, nariz e ouvidos—4 h.
DR. ARMANDO LIMA—Bôca e dentes, protese—12 h.
DR. ALEN SALDANHA—Raio X—4 h.
ANALISES CLINICAS

Joias genero antigo

para todos os gostos. Transforma-se em conta qualquer objecto.

PEIXOTO & JARDIM

14, R. da Palma 14 Telef. 2 8582



Aprecie os novos modelos do

TORROAES

Garantia absoluta
Todas as marcas
Todos os preços

119 — R. DA PRATA — 123
Telef. 24210

Salamandras

Fogões de Petroleo
Banheiras, Lavatorios
Felix Labat, Lda.
113, Rua do Alecrim LISBOA

Pensão Atlantic R. da Gloria, 21, ric.
Antiga Costa
Telef. 24535
Instalações modernas — Recebem-se comensais
Preços modicos

ESTRANGEIRO

Rest. Solar Português
Instalações sumptuosas e unicas no genero
Almoços mesa redonda Esc. 7$00
Jantares » » » 8$50
HOJE — Jantar-concerto e baile
P. da Alegria 55 a 57 Telef. 2 6 9.

Depois do plebiscito do Sarre

Melhoram as relações franco-alemãs

BERLIM, 25.— A «Correspondencia Politica e Diplomatica» escreve acêrca do Sarre:

«Após a resolução da S. D. N., de entregar o territorio ao Reich, deixou de haver dificuldades invenciveis. Resolveu-se um problema grave e livrou-se a Europa de uma ansiedade torturante. Laval, dizendo que deixou de haver motivos de conflito entre a França e a Alemanha, mostrou estar de acôrdo com Hitler, que declarou o mesmo muitas vezes. Aqueles que se entregam a intrigas politicas devem meditar sobre as palavras do ministro francês. Os elogios de Laval á população sarrense, pela disciplina de que deu provas, deve levá-la a esquecer mais rapidamente as calunias com que a alvejavam ha anos. Iniciou-se uma nova fase nas relações franco-alemãs. Deve-se evitar tudo o que possa prejudicar a aproximação final. Ha ainda a liquidar muitas questões, que, segundo as palavras de Laval, exigem paciencia, boa vontade e coragem. Vê-se um bom pressagio no facto de Laval ter dito que perante o «forum» da S. D. N. todas as nações têm os mesmos direitos á segurança. A paz da Europa baseia-se no entendimento franco-alemão. Evidentemente, os dois povos devem ter direitos iguais».—(Americana).

Boato que não se confirma

SARREBRUCK, 25. — Um redactor da Associated Press foi a Neukirchen verificar a exactidão do boato, posto a correr em Forbach, segundo o qual dois comunistas, cujos nomes e moradas se indicavam, tinham sido ali assassinados. O jornalista encontrou os dois referidos individuos de perfeita saude e entrevistou-os. Os homens declararam que só deixarão o Sarre em ultimo caso, isto é, se forem compelidos. Até agora não têm razão de queixa.—(Americana).

A retirada das tropas internacionais

GENEBRA, 25.— De fonte autorizada sabe-se que as tropas internacionais do Sarre deixarão aquele territorio por todo o mês de fevereiro. As primeiras a sair serão as italianas.—(Americana).

Foi fechada a fronteira francesa

SARREBRUCK, 25.—O correspondente da United Press, depois de aturadas e arduas pesquizas, conseguiu averiguar que a fronteira francesa foi fechada para os refugiados do Sarre.

O comandante da Policia internacional, interrogado acêrca do assunto, declarou que desconhecia os motivos que levaram o governo francês a proceder assim.—(United Press).

PÃO E SARDINHAS DE CONSERVA

Um almoço sóbrio, barato.

É dificil conseguir a preço igual, tão grande número de calorias para o organismo.

É um saboroso bocado.

Recuse as latas sem nome do fabricante.

A GUERRA NO CHACO

Vantagens dos paraguaios

BUENOS AIRES, 25.—A tomada do forte de Carandayt, que fica a meio do caminho que separa Villa Montes de Santas Cruz, deu aos paraguaios um elemento de primeira ordem. As tropas vencedoras já alcançaram o rio Parapiti, que estabelece o limite entre o Chaco e a Bolivia propriamente dita. A luta decorre, agora, em terreno irregular, ao contrario do terreno do Chaco, que é plano.

Sabe-se que o arsenal de Assunção está repleto de armas e munições, pelo que não preocupa o Paraguay o anunciado embargo ao fornecimento de armas.—(Americana)

A ALEMANHA SOB O NAZISMO

Um emprestimo interno

BERLIM, 25—O emprestimo de 500 milhões de marcos que o Governo, por intermedio do Reichsbank, está a negociar com a União das Caixas Economicas e bancos privados, destina-se a liquidar uma parte das letras sacadas pelo Reich para financiar o programa da criação de trabalho, cujo total se ignora.—(Havas)

A questão dos mandatos

e as pretensões da Africa do Sul

ROMA, 25.—Aloisi, representante da Italia na S. D. N., declarou não ser conforme ao espirito de sistema de mandatos o desejo da União Sul Africana anexar a antiga colonia alemã do sudoeste africano. Madariaga (espanhol) é da mesma opinião.—(Americana).

A AGITAÇÃO EM CUBA

HAVANA, 25—Durante a noite explodiram numerosos petardos e bombas em diversos bairros da cidade, e ouviram-se muitos tiros de espingarda. Ha um ferido e os estragos materiais são importantes.—(Havas)

Epidemia de gripe na Alemanha

BERLIM, 25.—Lavra em toda a Alemanha a epidemia de gripe. Em muitas cidades e vilas, tiveram de ser encerradas as escolas.—Americana).

Os Estados Unidos e a Russia

Melhoram as relações comerciais

WASHINGTON, 25—Com a chegada de Ivan Boyev, que vem substituir Peter Bogdanov na presidencia do organismo comercial russo Amtorg, acentuou-se a convicção de que vão ser resolvidas as duvidas que existiam entre Washington e Moscovo acêrca das dividas.

As negociações são muito activas. Os Estados Unidos, após a resolução daquele problema, devem abrir creditos aos Soviétes. Desse credito está pendente a assinatura de muitos contratos para o fornecimento de mercadorias e para o inicio de certas obras na Russia. Encontram-se aqui algumas dezenas de engenheiros sovieticos, que vieram tratar de questões tecnicas.—(Americana)

Acto de heroismo galardoado

OSLO, 25.—Foram entregues ao comandante, capitão Kruse, e aos 11 marinheiros do vapor alemão *New York*, as medalhas de ouro para *Acções Valorosas*, com que o governo da Noruea os galardoou por terem salvo os tripulantes do vapor *Sixto*, que naufragou devido a uma grande tempestade no Baltico. Nos ultimos 30 anos, aquela medalha só foi atribuida a oito pessoas, todas norueguesas.—(A.).

A Polonia celebra o aniversario

da insurreição de 1863

VARSOVIA, 25—Por ocasião do aniversario da insurreição de 1863, o presidente da Camara Municipal de Varsovia resolveu oferecer 100 zlotys a cada veterano da insurreição. Em toda a Polonia existem actualmente 150 sobreviventes desse movimento revolucionario. Todos os veteranos vão ter direito a usar um uniforme especial e serão equiparados a tenente.—(Havas)

Os Estados Unidos

e o Tribunal da Haia

WASHINGTON, 25—O Senado aprovou uma emenda ao protocolo de adesão dos Estados Unidos ao Tribunal Internacional de Haia.

Segundo essa emenda, fica absolutamente excluida a possibilidade da intervenção do tribunal da Haia nas questões internas dos Estados Unidos. —(Havas)

A actividade industrial

em diversos paises

GENEBRA, 25. — Segundo o boletim estatistico da S. D. N., a actividade industrial aumentou constantemente desde o começo de 1934, na Alemanha, na Dinamarca, na Italia, na Noruega, na Suecia e no Chile e deminuiu na França e na Belgica. Nalguns daqueles primeiros paises, a melhoria sofreu contudo a paralização nos meses de junho e julho.

Até outubro registou-se o seguinte numero geral, em relação a igual periodo do ano anterior: Alemanha, 20 0/0; Suecia 19 0/0; Italia 15 0/0; Canadá 9 0/0; Polonia 8 0/0; A baixa foi de 13 0/0 em França, 5 0/0 na Holanda e 4 0/0 nos Estados Unidos.—(Americana).

Os tesouros chineses

que vão ser expostos em Londres

LONDRES, 25—Os objectos de arte que o governo chinês vai enviar a Londres para a grande exposição de arte chinesa que se inaugura em Burlington House, são em numero de 1.500 quasi todos verdadeiros tesouros e que fazem parte do Museu da cidade de Pequim. Essas preciosidades serão transportadas até Singapura num navio de guerra britanico, a fim de evitar possiveis assaltos dos piratas.—(Havas)

O PROBLEMA DA INDIA

LONDRES, 25.—O Parlamento britanico, que reabre no dia 28, começará imediatamente a examinar o projecto de reforma constitucional da India. Prevêem-se vivos debates, não só acêrca daquele assunto, mas a respeito de outros. Contudo, os ministros, apoiados pela convicção de que os ultimos êxitos diplomaticos do Governo impressionaram favoravelmente a opinião publica, estão dispostos a defender a obra realizada e os projectos em curso.—(Americana).

Assalto a um banco

VARSOVIA, 25—Ontem á noite um grupo de bandidos assaltou um banco de Lodz, levando do cofre 121.000 zlotys.—(Havas)

UMA LATA DE VERDADEIRAS Pastilhas VALDA bem empregada, e utilisada a proposito resguardará vossa Garganta, vossos Bronchios, vossos Pulmões, combatendo efficazmente DEFLUXOS, BRONCHITES, GRIPPE, ASTHMA, EMPHYSEMA, etc.

Encontram-se em todas as Pharmacias e Drogarias EM LATAS com o nome VALDA
Representante H. REYNAUD LISBOA

COMO BRANQUEAR A SUA PELE

Uma nova cera extraída das flores, maravilhou os especialistas de beleza. Tira as manchas das sardas e as imperfeições da face. Torna a pele tão branca e rosada como a de um bébé

Enquanto dormis, esta cera, conhecida sob o nome de Cire Aseptine, penetra no mais fundo da pele aspera e adoça-a de tal maneira que a sua camada exterior cai pouco a pouco em pequenas particulas, ao lavar a cara todas as manhãs. Daí resulta uma tez feita eclusivamente de pele nova, tão doce e tão delicada como as petalas da rosa. As sardas, as feias manchas castanhas e todos os defeitos da cara parecem evaporar-se e produz-se uma mudança subita. Uma mulher de 40 anos pode facilmente aparentar 30 ou mesmo menos. A Cire Aseptine vende-se nas boas perfumarias. Não encontrando dirija-se á Agencia Aseptine (Secção D. L.), 88, Rua da Assunção, Lisboa, que atende na volta do correio.

J. S. RODA, L.DA
R. Augusta, 86 a 96 Telef.: 2 5965
O primeiro estabelecimento do país de:
CAMISARIA E ALFAIATARIA
Com secções de Malhas, gabardines e impermeaveis, chapelaria: artigos de viagem, luvaria, novidades, etc.

LUMBAGOS TORCICOLOS PONTADAS

desaparecem ràpidamente com a aplicação duma pasta de

THERMOGÈNE

Algodão revulsivo e resolutivo, que descongestiona o sitio onde dói

Vende-se em todas as farmacias

Companhia das Fabricas Ceramica Lusitania
Grandes fabricas de bons produtos ceramicos de
TODOS OS GENEROS E PARA TODOS OS USOS
Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Setubal, Faro, Portimão e etc.
A CERÂMICA QUE HONRA O PAIZ!

ULTIMAS NOTICIAS

ODEON e PALACIO
HOJE: ás 21.30
Eu fui uma espia
com Madeleine Carroll, Conrad Veidt, Herbert Marshall

Um sacerdote inglês difamou
sir John Simon
e está a ser julgado

BERLIM, 25.—Correu a noticia em todos os circulos politicos de Berlim de que o Reichstag seria convocado para o proximo dia 30, a fim de comemorar, como se fez o ano passado, o aniversario da subida do nacional-socialismo ao poder.

Segundo se afirmava, Hitler pronunciaria nessa ocasião, um discurso a proposito dos principais factos da politica interna.

Diz-se, porem, agora que essa convocação já não se realiza, o que causou certa surpresa entre as massas hitlerianas, visto que o regime actual costuma imprimir grande solenidade ás datas mais importantes da sua Historia.

Procura-se uma explicação plausivel para esse facto. Dizem alguns que Hitler sofre duma laringite aguda e que os medicos o proibiram de pronunciar discursos antes de se encontrar completamente restabelecido. Outros alegam razões de ordem politica e dizem que Hitler não deseja tomar uma posição definitiva neste periodo diplomatico tão delicado que a Europa atravessa. Outros ainda afirmam que o Reichstag será convocado após a entrega do Sarre á Alemanha para celebrar então com a maior pompa e solenidade essa grande data.—(Havas).

Sinistros maritimos
Afundou-se um navio de passageiros

NOVA YORK, 25.—O vapor de passageiros «Nohawk» chocou violentamente com o transatlantico «Tallsman», a 400 milhas ao sul de Sea Girt Nova Jersey, afundando-se rapidamente.

O transatlantico «Limon», que navegava nas proximidades, acorreu rapidamente ao local do sinistro, recolhendo a seu bordo os naufragos do navio afundado.

Informações recebidas nesta cidade dizem que não foi possivel ainda encontrar 14 passageiros e 31 membros da tripulação do «Nohawk», que pertencia á mesma companhia do «Morrocastle». Supõe-se que tenham sido recolhidos por alguns dos barcos que acorreram aos pedidos de socorro, entre os quais figuram os vapores «Ninon» e «Algondin», que a seu bordo recolheram muitos naufragos.

Supõe-se que a bordo dos guarda-costas que compareceram no local do sinistro e percorreram a costa em pesquizas se encontram tambem muitos naufragos.—(United Press).

Naufragio duma chalupa

PARIS, 25—Segundo um telegrama de Copenhague enviado ao «Matin», a chalupa inglesa «Jeria» naufragou nas estas da Islandia. Morreu toda a tripulação.—(Havas)

O presidente Roosevelt ofereceu
um banquete ao corpo diplomatico

WASHINGTON, 25.—O presidente Roosevelt ofereceu ontem á noite um grandioso banquete ao corpo diplomatico acreditado nos Estados Unidos.

A' referida festa assistiram, além do corpo diplomatico, altas individualidades marcantes nas Artes, nas Letras e nas Ciencias.

Os convidados foram unanimes em tecer os mais rasgados elogios pela forma fidalga e principesca como foram recebidos pelo presidente e por sua esposa.—(United Press).

Desastre de viação
Cinco mortos e sete feridos

SANTIAGO DE CUBA, 25.—Na rua Alhama desta cidade voltou-se uma camioneta de passageiros, em consequencia de que ficaram mortas cinco pessoas e feridas sete, algumas das quais em estado grave.

O desastre deu-se devido ao excesso de velocidade.—(United Press).

VIDA PARLAMENTAR

A Camara Corporativa começou a estudar
as propostas governamentais
e o projecto sobre associações secretas

Começou hoje na Camara Corporativa, por parte das respectivas secções o estudo das oito propostas de lei enviadas pelo governo e de uma outra apresentada na Assembleia Nacional, sobre «Associações secretas», pelo deputado sr. dr. José Cabral.

Após a chegada do presidente sr. general Eduardo Marques, começou-se a fazer a distribuição das propostas, trabalho em que cooperaram os secretarios da mesa, srs. dr. Carlos de Azevedo Mendes e Otero Salgado, os quais prestaram solicitamente, todos os esclarecimentos á Imprensa, sobre os trabalhos da Camara.

Cerca das 15 horas, quando já se encontravam presentes numerosos procuradores, começaram a reunir-se as secções nas salas do edificio.

A proposta sobre «Alterações á Constituição» foi distribuida á 18.ª secção, comparecendo os srs. drs. Fezas Vital, Cordeiro Ramos e Pinto Coelho. Foi nomeado relator o primeiro, que ficou de apresentar um projecto de parecer para discussão da secção.

A proposta sobre «Previdencia Social» foi distribuida tambem á 18.ª secção, a qual se reunirá amanhã pelas 14 e 30, com todas as secções de 1 a 13, excepto a 8.ª. A esta reunião assistirá como delegado do sr. presidente do Conselho o sr. dr. Teotonio Pereira, sub-secretario das Corporações.

As secções 18.ª e 10.ª reuniram-se para estudo da proposta sobre «Organização sindical dos ferroviarios», comparecendo aos trabalhos os srs. Brito do Rio, Silva Abranches e Geraldo Braamcamp Mancelos, pela 10.ª, e os componentes da 18.ª, aos quais já nos referimos. Foi nomeado relator o sr. engenheiro Silva Abranches.

Sob a presidencia do sr. general Eduardo Marques reuniram-se, para estudar a proposta sobre «Conselho Superior da Defesa Nacional», as secções 18.ª e 19.ª, comparecendo desta ultima, apenas o sr. tenente-coronel Barros Rodrigues, visto o sr. comandante Botelho de Sousa ter saido hoje de manhã para o mar, com o seu navio, o contra-torpedeiro «Lima». Resolveu-se nomear relator este ultimo oficial, a quem foi remetida a proposta.

Para estudar a proposta relativa ao «Conselho Superior de Exercito» reuniu-se, tambem sob a presidencia do sr. general Eduardo Marques, a secção 19.ª, ficando seu relator o sr. tenente-coronel Barros Rodrigues.

A proposta de «Reforma do Crédito» começou a ser estudada pela secção bancaria que se reuniu conjuntamente a de Finanças. Foram nomeados, presidente o professor Albino Vieira da Rocha e relator o sr. Fernando Ennes Ulrich. Estas secções voltam a reunir-se no dia 1 de fevereiro, para tomar conhecimento e discutir o projecto de parecer. Aos trabalhos de hoje compareceram além dos dois citados procuradores, mais os srs. dr. Marcelo Caetano, Jaime Ferreira e dr. Fernando Emidio da Silva.

Para discutir a proposta relativa ao «Conselho do Imperio Colonial», reuniu-se a secção 22.ª.

A proposta sobre «Associações secretas» apresentada ha dias na Assembleia Nacional, começou, tambem hoje a ser discutida pelas secções 18.ª e 20.ª, comparecendo por esta ultima, os srs. drs. Afonso de Melo, Pinto Veloso e Abel de Andrade.

Amanhã, reunem-se tambem, as secções 12.ª, 21.ª e 24.ª, para discutir em conjunto a proposta sobre «Reconstituição economica», prosseguindo igualmente os trabalhos de todas as outras secções.

Qual é afinal o melhor...

Só V. Ex.ª nos poderá responder, experimentando os pratos originaes de especialidade que se preparam diariamente no velho Café Restaurante Suisso. Servindo-se no Sabado — Feijoada á Asturiana Domingo — Spaghetti á Calabresa.

A sala-restaurante do CAFE-«CHIC» tem conforto, asseio inexcedivel, não tem cheiro ou fumo e tem originalidade na iluminação.
—Porque a não visita V. Ex.ª?

ás 5 horas chá
PATISSERIE VERSAILLES

REX BAR
R. Nova da Trindade ao lado do Teatro do Gimnasio. Tell. 2 7391
O «bar» preferido dos grandes artistas internacionais, onde
Henry Garat o idolo dos cinéfilos, almoçou hoje, com toda a sua companhia e irá todos os dias tomar o seu "cocktail„ a sua ceia no REX BAR
agradecendo assim ao "Barman„ Pereira a homenagem do "Garat Cocktail„ de primorosa execução.

AVIZ HOTEL-RESTAURANTE
SABADO, jantar dancing. — A nova orquestra do Aviz tocará musica de dansa. A seguir concerto por René Bohet e a sua orquestra.
DOMINGO, as 5 horas, chá dancing. Inauguração dos chás á inglesa com o pasteleiro Mister Lucard, especialista em patisserie RUMPELMAYER.
As mesas devem ser reservadas com antecedencia pelos telefones 48101 — 48102 — 48103.

O chanceler Hitler sofre
duma laringite aguda
que não o deixa discursar

LONDRES, 25.—Começou hoje a ser julgada no tribunal de Londres a acção por difamação intentada por sir John Simon, ministro dos Negocios Estrangeiros, contra o reverendo Whitaker. O queixoso apresenta como motivo de acção o discurso pronunciado em Dereham por aquele sacerdote, discurso que se resume no seguinte:

«Qual é a causa dêste estado latente de guerra em que vivemos?»—preguntou o rev. Whitaker, dirigindo-se especialmente ao secretario do Estado do «Foreign Office». «A causa é bem simples—continuou—E' que os membros do vosso gabinete têm todos os seus capitais colocados em empresas de fabrico de armamentos e preparam-se para obter grandes lucros com a guerra e a destruição. A razão pela qual John Simon perturba a grande idéa de paz promovida pela Sociedade das Nações, é que o seu dinheiro está colocado em firmas produtoras de armas e munições.»

O advogado do ministro dos Negocios Estrangeiros declarou estar convencido de que «é quasi desnecessario afirmar que as palavras do rev. Whitaker são falsas, não encerrando a minima parcela de verdade».

«Sir John Simon—declarou—não possui um unico «penny» colocado em fabricas de armamento e a afirmação de que a sua atitude no grande xadrês da politica europeia tenha sido influenciada pelos seus interesses em fabricas de guerra é tão ridicula como falsa. Devo dizer que não é a primeira vez que se fazem afirmações desta indole, quer neste país, quer no continente ou ainda nos Estados Unidos. O ministro dos Negocios Estrangeiros tem-se sempre defendido da calunia por meios legais, sem que todavia fossem suficientemente energica. Hoje, porém, apresentou-se-lhe uma oportunidade de trazer o caso a publico por intermedio dos tribunais.»

Terminada a sua exposição, o advogado de defesa de sir John Simon, leu um documento escrito e assinado por Whitaker, documento que diz o seguinte:

«Concebo agora a grave acusação que fiz ao ministro dos Negocios Estrangeiros e lastimo-o profundamente. Estou convencido de que as minhas afirmações são absolutamente falsas e não se justificam. Apresento todas as minhas desculpas a sir John Simon. O ministro dos Negocios Estrangeiros tratou-me sempre com a maior consideração e aqui lhe apresento as minhas mais sinceras homenagens».—(Havas).

TEM DOIS METROS DE ALTURA
o processo referente ao contrabando de armas do «Turquesa»

MADRID, 25—O processo de inquerito ao caso do contrabando do navio «Turquesa», organizado pelo juiz Alarcon, é extremamente volumoso, tendo dois metros de altura. O secretariado das Côrtes levará oito dias a copia-lo. Como se sabe, cada grupo parlamentar tem direito a uma copia, e oito dias para elabora- as conclusões que entender. Se algum grupo da Camara reconhecer que ha acusações a formular contra certas personalidades, as acusações só terão seguimento se pelo menos uma decima parte dos deputados em exercicio o requererem.—(Havas)

A AUSTRIA E A ALEMANHA
Declarações de Starhemberg

VIENA, 25—A proposito da reconciliação com a Alemanha o vice-presidente principe de Starhemberg, discursando numa reunião da Frente Patriotica, declarou: «E' um erro grave procurar compromissos com inimigos mortais. Nunca esquecerei a data de 25 de julho, em que foi assassinado o chanceler Dollfuss, e nenhum austriaco, que seja verdadeiramente um homem, poderá esquecê-la. A nossa vontade de lutar em defesa da Austria é inflexivel».—(Havas)

ARAKS
Famosa marca, ponta de seda, 20 cigarros por 5$00.

SEXTA-FEIRA, 25 DE JANEIRO DE 1935

Diario de Lisbôa

Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA – Telefone 20271

LOPE DE VEGA E PORTUGAL

pelo professor DR. RAMON MARTINEZ LOPES, do Instituto Espanhol de Lisboa

Num quarto modesto e austero—«saipicadas las paredes y teñida la disciplina de reciente sangre»—ha um leito branco, sobre o qual se destacam uns olhos luminosos, ultimo lampejo duma vida, num rosto de ancião, cuja palidez se confunde com o mate das rendas e o marfim dum crucifixo.

Agonisa «el Mostruo de la Naturaleza», «el Fenix de los Ingenios», Frei Felix Lope de Vega e Carpio. Um perfeito transito ascetico «á lo Zurbaran».

A tarde calorosa detem e fixa a paisagem madrilena no quadro duma janela. Ascendem aromas do «huertecillo» e rumores apagados como sombras de familiares e amigos. Sobre uma mesa, ainda humido a olhar «del Fenix», um manuscrito humaniza-se e ganha vida. Auras do Atlantico banham a meseta castelhana e a mitologia grega faz côro com o grave misterio e heroismo das descobertas e então um hino jubiloso. O manuscrito reza no seu primeiro folio «Ulises ou Lisboa edificada». E' seu autor o cavaleiro português Gabriel Pereira de Castro.

Para ele vão os olhares ardorosos de agonia do genial escritor. Ha neles qualquer coisa de amarga nostalgia e de desejo veemente. Por fim, paga na sua bôa moeda o obsequio lusitano. Traça sobre o papel o seu ultimo poema. Vai surgindo o soneto daquelas mãos trémulas que dominaram e acariciaram—sempre de modo portentoso—a sua infinita emoção poetica.

«Lisboa por el griego edificada
Ya de ser Fenix inmortal presuma
Pues debe mas a tu divina pluma
Docto Gabriel que a su famosa espada

Voraz el tiempo con la diestra airada
No hay imperio mortal que no consuma
Pero la vida de tu loca suma
Es alma ilustremente reservada.

Mas! ay! que cuanto mas enriqueciste
La patria que su artifice de llama
Por la segunda vida que le diste

Ciprés funesto tu laurel enrama
Si bien ganaste en lo que mas perdiste
Pues cuando mueres tu nace tu forma».

E o Tejo transportou aquela tarde até Lisboa, a derradeira cortesia do grande poeta castelhano. Sucedia isto no dia 23 de agosto de 1635.

Quatro dias depois falecia «puestos los ojos en el cielo, la boca en un crucifijo y el alma en Dios», como diz Montalvan na «Fama póstuma».

★ ★ ★

O problema das intimas e por vezes transcendentais relações, entre as literaturas espanhola e portuguesa está começando a preocupar os nossos criticos. A' frente deles e com sábia experiencia caminha este verdadeiro mestre — «nada menos que todo un maestro»—que se chama Fidelino de Figueiredo que, tanto na Universidade de Columbia como nas aulas madrilenas, disse o maximo e o melhor do têma. A sua tése de que da analise destas relações sairiam ambas as culturas ganhando quanto a personalidade parece indiscutivel. Mas ainda nos aguardam surpresas e quem sabe se algum dia nos darão a certeza desta minha crença actual de que, assim como em tantas outras empresas de ambos os povos houve um superior complemento para fins universais, tambem as essencias poeticas dos dois países concorrem por vezes, com o seu insubstituivel matiz e peculiaridade, para uma manifestação tipica no grande mostruario do espirito europeu. A impressão de que no animo do primeiro dos dramaturgos espanhois produziu o magnifico espectaculo da historia heroica lusitana havemos de deduzi-la através da sua propria obra. E como nota interessante a destacar no teatro espanhol de assunto português é esta entrega absoluta que de Lope de Vega faz da sua admiração para tudo o que se relacione com Portugal.

Recordemos uma tragedia, como ele proprio lhe chamou, ainda que o seu têma seja de comedia, e que tem por titulo «El duque de Viseo». O tema é a dupla morte dos duques de Viseu e Bragança, executada uma e ordenada outra pelo Principe Perfeito. Para um dramaturgo de raises tão populares como Lope, que fez do ramanceiro espanhol esquema tematico de grande parte da sua obra dramatica, encorporando nela todos os sentimentos que nela se aninham, era forçosa a simpatia pelos desgraçados duques. No seu tempo já o romance:

«Quejome de vos el Rey—por haber
credito dado
Del buen Duque mi marido—lo que le
fué levantado
Mandastemolo prender—No siendo en
nada culpado
Mal lo hiciste señor—mal fuiste acon-
sejado»:

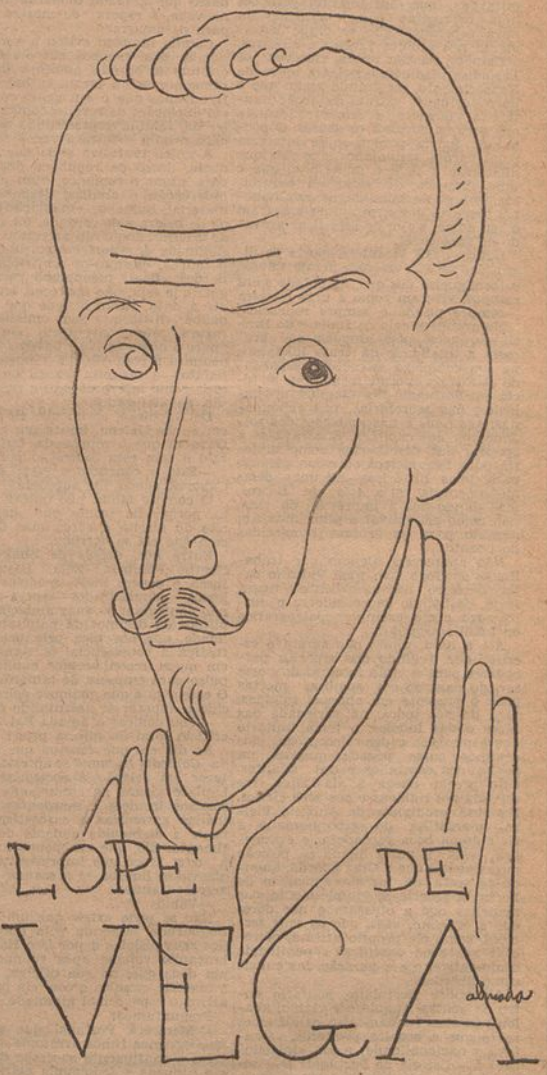
encorporado no «Cancionero sin año de Amberes» que, como se sabe, é anterior a 1550, corria de boca em boca e se tinha infiltrado no espirito popular. Não deve ter tido tambem pouca influencia no animo de Lope a condição do seu amigo intimo Faria e Sousa que na sua «Europa portuguesa» (tomo II parte terceira, capitulo IV, pag. 441-443) mostra bem clara adesão á causa das vitimas. Pois apesar de todas estas circunstancias, Lope encontra desculpa—mais ou menos habil—para justificar as ferozes justiças do grande monarca português. Nessa tragedia Lope trata de defender a atitude do sagaz monarca, fazendo-a nascer do engano e apresenta o Rei, mestre nas artes da dissimulação e do sigilo, como uma candida vitima das intrigas palacianas.

Esta devoção por D. João II torna a mantê-la Lope na sua obra em duas partes «El Principe Perfecto». No genero das cronicas dramaticas que cultivou com singular acerto, são das melhor realizadas. Tem demais uma importancia extra literaria que importa notar. Na dedicatoria da segunda parte, ao marquês de Alcañices, monteiro-mór do rei Filipe IV, declara o seu pensamento de que esta obra sirva de drama pedagogico, como de sintese de educação real para o então ainda principe : «El nuestro (Principe) que Dios guarde (diz Lope) es tan divino ejemplar en tan tiernos años que pudiera excusar la historia propuesta a no ser justo proponer estas excelentes acciones en mayores progresos a tan heroico Principe». Assim encontramo-nos, não perante uma obra ligeira, das que «en horas veinticuatro—pasaron de las musas al teatro», mas sim ante uma especie de doutrina politica e um mostruario que lhe serve de base e nutre de acção a obra. Nela se cantam as virtudes do monarca por diversas personagens, e ele proprio vem á cena, sempre para fazer assinalada justiça, piedosas acções e valorosas façanhas. Com superior habilidade, narra toda a sua vida de rei, suprimindo apenas as tragicas mortes de que se ocupou em «El duque de Viseo».

Para conseguir o seu fim de apresentar o monarca como espelho de soberanos, Lope atenua os perfis historicos de D. João, o seu maquievelismo politico e o seu caracter absolutis-

Toda a obra é um prodigio de habilidade, de «metier» de homem de tea-

(Vêr continuação na 7.ª página)



ESTE SUPLEMENTO NÃO PODE SER VENDIDO EM SEPARADO

A "Comedia Humana" em Portugal

Quando é que um dos nossos romancistas tomará á sua conta a pintura da sociedade portuguesa, a exemplo do que Jules Romains está fazendo com os *Hommes de bonne Volonté*—vasta cronica de factos e de inumeros feitos, pitoresca, comica, futil, tragica, caricatural, ingenua e perversa, na qual as almas e os corpos desenham todas as atitudes do gesto instintivo, da animalidade insofrida, da intelligencia, da razão e da rotina?

Na altura em que estamos, já no segundo quartel do seculo XX, quando se desagregam sinteses seculares e se esboçam movimentos de vitalidade construtiva, outras normas de outra sociabilidade, convinha fixar, num «fresco» imenso, a queda das velhas miragens que inflamaram gerações hoje decrepitas e o desabrochar da nova esperança que se ergue lentamente nos animos juvenis e sinceros.

Camões, na sua epoca, escreveu os *Lusiadas*, recolhendo neles a epica do Renascimento, mostrando assim que o povo português extraia da acção nautica e guerreira a semente fecunda que gera os herois e os deuses. O poema da Patria porém, só se interessa pelos barões assinalados e os reis que dilataram a fé e o imperio—o que é uma maneira de votar ao esquecimento a gente humilde, os batalhadores obscuros que nem sequer traçaram o seu nome, a fim de lhes ficar gravado no razo coval.

Coube a Gil Vicente a gloria de dignificar no seu teatro a arraia miuda, o formigueiro dos que, na cidade e nos campos, viveram como a urze rasteira—sempre pisada e sempre renascida.

No grande seculo da India e do Brasil não houve, pois, ninguem que abraçasse a totalidade da «casa lusitana», na sua complexa estructura, separando os fios da enorme meada que se tecia em Portugal—nos templos, nos palacios, nas secretarias, nas choupanas, nas naus e nas ambições dos soldados ou dos capitães. Encarava-se a epopeia das descobertas como materia para hexametros ou como assunto para telas historicas—algumas delas monumentais, tal a *Asia* de Barros, mas dando-nos a impressão da vida, não como sol estival a pino, mas sim decaido para as brumas esmaecidas do poente.

Não apareceria alguem que trabalhasse em fogo vivo, qual Vulcano batia o ferro na sua ardente e negra forja, desistindo de considerar o nosso povo como exemplar paleografico ou fossil resequido?

Até á data, ainda não surgiu o escritor que, fugindo dos aspectos parcedares para a visão integral do nosso ser, do passado em sombras mortas para o presente em chamas fulgidas, faça de nós todos, na variedade das faces e das indoles, o tema unitario das aspirações e das decepções, dos destinos cujas pégadas quedam na poeira dos caminhos e dos triunfos, cujo pregão chega á via-lactea—reservada aos numens e aos seus eleitos. Na obra prodigiosa de Antonio Vieira, maravilha do verbo humano, a fluir duma boca verdadeira e evangelica, está a nossa lingua na posição monumental que a Cruz guarda, quando se veste de luz, mas a imagem de Portugal recorta-se simplesmente nas manchas que a ofuscam e nas dores que a cruciam, visto que os seus sermões, como ele proprio afirma, oferecem aos seus ouvintes a penitencia como cativeiro e a punição das culpas como liberdade.

Alexandre Herculano, solitario entre as gentes, anguloso e rigido, abalou nos seus fundamentos os alicerces sobre que a cronica poeirenta assentava a nacionalidade: a sua «introdução» á «Historia de Portugal» tem solenidade e grandeza—qualquer cousa de parecido com os portais da Batalha e dos Jeronimos. A politica como escola de retorica e cinismo, desgostou-o—por isso virou a fronte e os passos para o vale de Josaphat.

O romantismo tinha, além disso, o defeito das revoluções que necessitam deformar e agigantar as proporções das cousas, pois pretendia derrubar muros imaginarios com a lança de D. Quixote. Herculano, apenas fala entre tumulos, com o som cavo que as palavras atingem nos ecos dos cemiterios.

Gerrett era para o autor do *Eurico* a sua *bête noire*: como é que um homem tão futil e tão sceptico ousava atribuir-se um papel de orientador e de mestre?

Isto não compreendia o grave pensador que caboucava nos arquivos, beneditinamentet, enquanto o dramaturgo-poeta, nas salas, no parlamento e na academia, cultivava a elegancia e o exito, sem deminuir a sua impertinencia setembrista. Os dois achavam-se, apesar disso, concordes em admitir, sem qualquer objecção, que a idade média encerrava a consciencia dos povos, embora entorpecida, ao passo que a idade moderna flutuava, no vago, á espera de mastro e vela para desamarrar.

Camilo tambem evitou a vera fisionomia dos homens que o rodearam, criando a parada amorosa dos seus romances, sob a forma turbulenta de freudismos que o seu genio converteu em expiações de revolta contra a dura lei da familia representada por pais carrancudos e intrataveis.

A unica tentativa seria que se produziu, dntro da republica das letras, para situar o romance, num plano de observação e analise, desbastando o material humano, em relação a um tipo de beleza e de verdade, foi a de Eça de Queiroz, enquanto acreditou na possibilidade de *remodelar* os seus contemporaneos, citando-os ao tribunal das nações. Sem menoscabo para quem quer que seja, não apareceu, entre nós, até á data, varão insigne que se proponha «historiar» sem omissão nem razura, num inventario em que se apure o nosso activo e passivo—quanto pedimos á tradição e á renovação dos habitos—a maneira franca ou disfarçada como interpretamos a nossa missão de civilizados.

De Napoleão, assim que ele tombou em Santa Helena, houve um qualquer Gavarni que o representa ferido pelo raio e com esta indicação por baixo:

—Está a concurso o lugar do *Petit Caporal*. Quem lhe sucederá?

O convite ainda não obteve resposta, porque ha tronos que dependem não do direito á coroa mas do ferro com que ela se derruba.

Entre nós, depois de Shakespeare, Goethe ,Flaubert, Zola, Destoievsky, Ibsen e poucos mais—modelos de colossos popularizados—espera-se que não contraiam as suas ambições a capitulos ou decimos da palpitante realidade, que nos roça pela pele e nos fustiga a consciencia, os romancistas em quem reconhecemos qualidades e pulso para empresa de tamanho vulto. O essencial é que qualquer deles se decida a superar-se assentando consigo:

—Vou dedicar á amada Patria o sacrificio total da minha pena!

No dia em que constou que o autor da *Comedia Humana* se aprestava para fazer em relação á sociedade o que Laplace gisara na cosmogonia, houve sorrisos ironicos e mordentes, gargalhadas agressivas e sarcasticas, perante a desmedida audacia do cometimento. Ele, que era pouco inclinado a dar troco aos imprudentes e aos atrevidos, limitou-se a sacudir a juba, acrescentando:

—Vamos vêr...

Não se pode exigir que um pigmeu linguarudo responda pela imensidade dos seus dislates e por isso Balzac foi lançando volume após volume, como um deus que, na sua oficina, modela a materia cosmica e com ela povoa de astros o espaço mal alumiado.

Preguntamos:

—Merecerá Portugal que um dos seus egregios filhos arranque á passageira e contingente sucessão das cousas caducas a fisionomia clara e nua do seu ser constante?

A resposta a esta pregunta aguardamo-la, não por controversias laboriosas e bisantinas, mas sim por obra talhada e feita, na ordem das conquistas que o espirito obtem da materia. Isto não acarreta restrição ou censura para quantos entendam excusar-se, preferindo as composições de menor tomo, pelo amor da surpreza e da livre inspiração. Não diminui o seu merito nem tão pouco o alcance dos seus vôos. Interessa-nos sómente o seguinte:

—Vivendo nós pela unidade do sentimento, que se revela na variedade de inumeros aspectos, quando é que o romance nacional chegará a exprimir o feixe completo das suas manifestações?

Não estamos versando um tema de fantasia ou ociosidade, porque raros são os nossos romancistas que não hajam demorado nele a sua atenção. O proprio Antero, embora por outra via, cuidou na sua efectivação. Oliveira Martins tambem acalentou a esperança de captar a sombra que lhe fugia. A sua tarefa de historiador obedeceu ao proposito de explicar Portugal como pálida sobrevivencia dos duendes tumulares: se lhe dermos credito, Alcacer Kibir é um luto imortal, mesmo na farsa dos funambulos modernissimos.

Se os nossos romancistas adiaram para São Nunca a sonhada miragem que inhibição os reteve?

A conhecida e deploravel tendencia para seguir a lei do menor esforço que os leva a tornear as dificuldades, evitando-lhe as asperezas e os meandros. A disciplina que demanda a serie continuada não se coaduna com a actividade dispersiva do improviso. Palpita-nos, no entanto, que o Encoberto desabrochará da bruma em que se recata...

Os poetas do quinhentismo, quasi sem excepção, meteram um poema das Descobertas, entre os seus sonhos imperiais.

Porque não passaram alem de projectos?

Receavam que o rugir das tormentas, no Oceano, fosse fatal á mimosa delicadesa da sua musa. Camões, educado na adversidade, afeito ao pão que o Diabo amassou e ás barbas tempestuosas dos deuses marinhos, não se conteve: pegou do estranho e sublime assunto e obrigou-o a deixar-se medir pela citara de Homero.

Triunfo completo: os *Lusiadas* instalaram-se na zona mais formosa e luminosa dos Elyseos. A Renascença resuscitou Aquiles, na tuba epica.

Contra a pretensão do romance que evocou a si o que ousamos denominar «o Olimpo e o *bas-fonds* da elegia e do drama contemporaneos», produzem-se objecções:

—Que importa, na contagem dos valores, que a sociedade encontre quem literariamente lhe apreenda e lhe mostre a miseria das suas escorias e a nobreza das suas intenções, no que encerram de profundo e humano?

Não teria importancia, se, entre nós, não houvesse um gordo e desdenhoso bom senso que costuma pesar tudo na balança dos mercadores, renegando ridiculamente dos imponderaveis espirituais. Se dessemos ouvidos a tantos que, no tempo de Sá de Miranda, guardavam as moedas da India e descuravam as virtudes da Patria, nem a *Biblia*, nem a *Divina Comedia* nem e *Eneida* nem os *Lusiadas* viriam á luz do mundo, visto que não são generos mastigaveis nem moedas circulantes.

Felizmente que, depois de pesados os interesses que movem as cubiças e organizam as opiniões em lugares comuns, ainda sobeja muito da humanidade que não se submete á tirania dos ventripotentes. O campo da literatura é quasi infinito e, no seio dela, o romance dispõe de horizontes tão vastos que abraçam a terra inteira. Quando os generos literarios se destinguiam por balisas inconfundiveis, o romancista procedia com o terror de atropelar o vizinho.

Hoje não: os obstaculos cairam diante da sua curiosidade impaciente que se exerce á vontade, quasi agregando-os ao seu jugo, os dominios que dantes lhe eran. vedados. Nas paginas do romance, cabe a poesia, a

(Vêr continuação na 5.ª pagina)

Notas em circulação

Amanhã, 26, passa o 135.º aniversario da morte de Castilho. Quantos fieis terá ainda o seu nome e a sua gloria? Muitos, decerto, mas não tantos quantos elas merecem. Classico na mais pura acepção da palavra, mestre incontestavel da linguagem, em verso e prosa, Castilho viveu sempre afastado dos problemas e inquietações do seu tempo, sob varios aspectos semelhante ao nosso. Veio ao mundo com o seculo XIX — e nunca legitimamente se lhe poderá chamar representante do seculo que foi o seu. Nem mesmo chegou a ser autenticamente romantico. Basta lêr as paginas do prefacio da tradução da «Lirica de Anacreonte» — paginas de prodigiosa e inigualavel beleza — para compreender que a sua alma encontrára na arte da antiguidade helenica e latina a patria espiritual. Por isso, não suportou as audacias de Antero, de Teofilo, nem de todos que á volta deles se agruparam, e que, depois de Herculano e Garrett, eram os interpretes autorizados do pensamento filosofico e das tendencias literarias da epoca. Como não estará Castilho longe de nós, que tambem nos debatemos na angustia do presente, e sobre o presente curvamos a nossa interrogativa ansiedade, tal qual os escritores e poetas da chamada escola de Coimbra enfrentavam os problemas de então?

O lugar de Castilho, porém, é vasto e primordial, e a sua lição é eterna na literatura portuguesa. Estilista, artista da prosa, o proprio Manuel Bernardes não lhe será superior. Poeta, atinge nalgumas composições a perfeição suprema. Recordar e venerar a sua memoria é prestar culto devido a um dos genios tutelares da nossa tradição e da nossa grandeza literaria.

■

Portugal é uma terra de poetas, e a França um pais de racionalistas, avêssos mais ou menos ao lirismo. Assim será... Mas a verdade é que nunca ninguem se lembrou entre nós de fundar instituição identica ou semelhante á recente sociedade fundada em Paris para defesa, propaganda e consagração da obra dos poetas. A idéa, como se calcula, veio duma senhora, M.me Marguerite Jules Martin, dama de alta inteligencia, mas não qualquer bas-bleue ansiosa de publicidade. Logo festejaram a iniciativa, e a auxiliaram, numerosos escritores e amadores de arte. A sociedade existe já, possui uma séde, uma direcção, uma secretaria, e muitos socios. Quais os meios de acção que o simpatico agrupamento pretende pôr em pratica para alcançar os seus fins? Artigos nas revistas e nos jornais, edições de poemas com subscritores certos, premios literarios, subsidios, etc., etc. Um bom exemplo a seguir, não acham? Quanto mais não seja para justificar de vez a nossa tão falada paixão, que se não deixa ninguem morrer de fome, a poucos oferece amparo e estimulo espiritual, mais necessario ainda do que o pão...

■

O sr. Anatole de Monzie, que foi ministro de Educação em França e é um escritor e erudito ilustre, publicou nas «Nouvelles Litteraires» dois ou três artigos impiedosos para a memoria da viuva do grande Michelet. Por eles se prova que a influencia dessa terrivel senhora no espirito do famoso historiador, que a adorava, só o apoucou e enfraqueceu. E' caso para meditar a sério, mesmo liberto de qualquer misoginismo, nos inconvenientes do amor... exagerado. Michelet casou duas vezes e o segundo casamento, diz o sr. de Monzie — dada a diferença de idade dos esposos — é que foi um tanto fatal ao seu genio. De facto, dir-se-ia que o desvirilizou, entibiando o seu poder de evocação epica. Pensem nisto os escritores candidatos aos matrimonios tardios.

Para converter em bom senso

A prudencia anda tão devagar que nunca chega a ser virtude, a não ser nas pessoas que estão ameaçadas de paralisia.

■

As lagrimas que nós derramamos por sofrimentos imaginarios, tomando-as por chagas do nosso coração, são de tirar e pôr, como os espinhos do «Ecce-Homo—dos painels.

■

Machiavel, quando compôz o retrato do Principe, esqueceu-se de lhe apontar uma qualidade—a sua indiferença pelos cronistas.

■

A liberdade, se é muito apregoada e gritada, parece-se com o pudor das mulheres para quem os satiros olham e fogem com respeito.

■

O genio concorre poderosamente para retardar o nascimento dos lugares comuns. Eis a razão por que os imbecis se consideram em perigo, apenas ele aparece.

■

Nas casas onde a gente se aborrece, a boa educação exige que nós tenhamos a idade dos principios que defendemos.

■

As fadas costumam sorrir sobre o berço das crianças que ainda não abriram os olhos. Conseguem assim a imortalidade da lenda que as protege contra os desconfiados e os humoristas.

■

Ha homens que nos falam com convicção de coisas em que não acreditam; pretendem encontrar nos seus ouvintes a porção de alma que lhes falta.

■

De certa idade em diante, as mulheres ocupam-se do amor como os reis decrepitos do problema da sucessão.

■

As revoluções que começam por abdicar nas mãos dos menos dignos acabam fatalmente por entregar-se aos vicios que quizeram suprimir.

■

No «Memorial de Santa Helena», Napoleão fala de si proprio, em varias passagens, como se o heroi das campanhas de Italia fôsse outra pessoa que não ele.

■

—Ouve, meu filho, nunca dês ouvidos a quem te atribuir qualidades que não tiveres.
—Mas se me disserem que me pareço contigo, que hei de fazer?...

■

Chorou três dias a morte do marido, mas ao quarto limpou os olhos, brilhantissimos, sorriu e pensou consigo: —Se ele voltasse á terra, seria capaz de me supôr fiel á sua memoria?

■

Fray Luiz de Leon dormia no momento em que os seus perseguidores o mandaram pôr em liberdade.
—Muito custa, fez ele, ser justo, quando a justiça para falar claro tem de sujeitar-se a andar na companhia de ladrões.

■

—Porque não acreditas no que eu acredito e não lutas pelo que eu luto?
—Bem vês que não podemos ser irmãos, a não ser como Abel e Caim.

■

—Que orgulho em provar na minha bôca o queimor da tua, meu principe e meu capitão!
—Dize antes: —Que satisfação sinto, por perderes todas as tuas batalhas, num beijo que te dou!

■

—Num belo pensamento, está ás vezes a felic[illegible] [illegible]existencia...
—Se assim fôsse, Cesar e Alexandre seriam [illegible] não generais.

Ha tempos «A Noite», o grande diario carioca, abriu largo e demorado inquerito entre escritores e artistas para escolha e votação do mais belo verso brasileiro. A vitoria coube ao decassilabo celebre de Castro Alves «aureo-verde pendão da minha terra» que realmente possui, além do sentimento patriotico que o inspirou, nobres e altissonantes sonoridades de bronze. Mas não ficou por aqui a simpatica iniciativa. Consultada previamente a Academia Brasileira, e logo conseguida a sua aquiescencia, «A Noite» resolveu oferecer á ilustre agremiação um marco de bronze e granito, da autoria do escultor Modestino Kanto, em que o busto de Castro Alves encima o verso consagrado. E em dezembro passado, após a ultima sessão do ano academico, foi inaugurada a linda estela, com a solenidade devida. Discursaram o distinto jornalista José Maria Bela, que em nome de «A Noite» entregou o pequeno monumento, e Afranio Peixoto, cujo nome ninguem ignora em Portugal. Festa de alto significado literario e civico, manifestação sugestiva do amor do Brasil pelos genios que o honram e prestigiam, e que nesta velha terra de poetas tem merecia ser imitada — se é que o nosso culto pela poesia não é simples expressão retorica...

■

Pelo seu verdadeiro interesse, publicamos a seguinte carta:

«Monte Estoril, 23 de janeiro de 1935.
Sr. director: — De passeio á Nazaré, tive ocasião de visitar a exposição de Arte Sacra que aí se patenteia ao publico, com caracter permanente, segundo creio.

Tal visita sugeriu-me os seguintes reparos, que V.ª Ex.ª decidirá se merecem algumas linhas do seu conceituado jornal:

Em primeiro lugar, feriu-me a forma pela qual estão expostos os paramentos, sem que os proteja o menor resguardo, o que lhes assegura um fim inglorio e proximo.

Porém, ainda maior reparo fiz ao descobrir, apostas sobre paramentos que, sem duvida, pertencem ao seculo XVIII, etiquetas que dizem, aproximadamente «Oferta de D. Vasco da Gama, á volta da India». Trata-se, como disse, de paramentos de epoca muito posterior e de facil identificação cronológica, tanto mais que o pálio que os completa ostenta uma corôa real, fechada, que só foi adoptada depois da morte do celebre Almirante.

E mais havia a dizer, não esquecendo um manto que se diz ser oferta de D. João V e não é mais do que uma oferta de D. João VI cujas armas tem, sobrepostas á esfera armilar.

Ora, estou certo de que, á semelhança do ocorrido comigo, muitas pessoas terão notado os anacronismos, tanto menos desculpaveis quanto maior devia ser a competencia de quem elabora semelhantes disticos, que induzem em erro os ignorantes e produzem deploravel impressão nos que verificam o erro.

Parece-me que seria bom chamar a atenção sobre este caso, o que, talvez, evitaria a sua reprodução em outras partes!

De V., com muita consideração, *Jorge de Moser*».

EM LOUVOR DE VISEU

Um prefacio de AQUILINO RIBEIRO a um livro póstumo de MAXIMIANO DE ARAGAO

Editado pela Seara Nova, *aparece por estes dias um livro postumo de Maximiano de Aragão intitulado* Viseu —Letras e Letrados—*E' um trabalho de bibliografia e critica, consciencioso e digno, como toda a obra do ilustre investigador.*

Acompanha-o um prefácio de Aquilino Ribeiro que temos o prazer de publicar em primeira mão.

Com este trabalho, editado sob os auspicios da Camara Municipal de Viseu, conta a obra de Maximiano de Aragão mais um volume. Fecharam-se os olhos do erudito investigador inopinadamente e não teve o consôlo de ver assentes na fabrica que concebera as pedras que, por serem as ultimas, andou carretando e picando com desvelado esfôrço. Em verdade, trabalhava como um antigo alvenel de catedral, movido pelas mesmas inocentes e soberanas causas. Já o penultimo livro êle se decide, sentindo a provecta idade, e entregá-lo precipitadamente ao prelo «com o receio de que o original se perca no turbilhão das cousas terrenas, não sendo estampado em sua vida». Esta confissão é patética em sua candidez e ternura. Providencialmente seu sobrinho velava e, dando-se a circunstancia feliz de á testa do Municipio se encontrarem pessoas que prezam a cultura do espirito e não deixariam por conseguinte de favorecer a obra de entendimento, o legado do historiógrafo escapou ao sestro comum de ser devorado pela traça ou de servir de invólucro a géneros de mercearia e a artificios de fogueteiro. Tanto o trabalho em si como o entranhado amor de Aragão pela capital da Beira tinham direito a semelhante sufrágio. Não há duvida que tinham. Além das razões de inteligencia, poprém, não pouco deverá ter contribuido para isso aquela virtude máxima de Viseu, intrinseca e formal ao mesmo tempo, e que se chama benignidade.

Sempre que me ponho a considerar a fisionomia desta cidade, abstractamente como a imagem de mulher, figura-se-me prazenteira, amavel, buliçosa: numa palavra, eminentemente jucunda. O traço mais vigoroso do seu caracter creio ser este ultimo. Bem certo que cada terra tem o seu temperamento e feição. Há-as duma desolação infinita; rudes e hostis; elegiacas como baladas ao luar; mais vivas que o azougue; moribundas que não acabam de morrer. Coimbra, Guarda, Lisboa e Porto, não têm expressão moral própria? Para os meus olhos Viseu é uma cidadezinha activa, dada ao optimismo, um pouco descuidada do destino trágico da vida, satisfeita com a sua mediocridade. Já o casario, apinhado pela escarpa, nos adverte que o vizinho é compadre do vizinho; as ruas do bairro velho são estreitas, e estreiteza aqui significa intimidade. A todo o quadrante, o panorama é da mais pródiga e risonha natureza. Do Terreiro da Via Sacra ou das janelas do Paço dos Três Escalões o deslumbramento espacial fere os olhos como o ar puro do imenso e branco golfão dilata o torax. Olha-se de alto e sonha-se «altitude». O homem, primeiramente, é filho do solo e o horizonte natal jamais deixará de temperar com o seu tonus as visões do restante mundo.

Mais que um acidente de aglutinação imagino as cidades uma sorte de polipeiro psiquico em que tudo, corpóreo e imaterial, colaboram em modelar o homem e o modelam como o cadinho ao metal em fusão. E pois que tenho a capital da Beira Alta por liberal, desenfastiada, generosa, me soou como heresia aquele adágio que li não sei aonde: *Guar-te do bom judeu e da gente de Viseu.*

Este cautela! ergue no espirito o mesmo tumulto que as caveiras nos frascos, com remédio para uso externo, e nos postes, a que está ligada corrente de alta tensão. Bem sei que vem do fundo dos tempos e a possivel peçonha deve a esta altura ter-se tornado tão inócua como a agua da fonte. Mas qual o motivo sério de tal vilipendio? Por baixo do significado pejorativo que somos levados a atribuir-lhe não existiria qualquer segundo sentido, o verdadeiro, obliterado pelo rodar de usos e costumes, e abstergente quanto ao caracter da cidade? Intrigava-me o enigma e foi desafogadamente que, ao ler o foral de Viseu, firmado e roborado por D. Sancho I e sua mulher D. Dulce, me pareceu achar a decifração. Reza assim aquele instrumento gótico, em que começa a balbuciar a nossa lingua implexa de prégadores::

Mandamus atque concedimus terre de Uiseo ut si aliquis extraneus teram de uiseo cum armis curterit cum tribus nominibus et supra pactet VI mille modios: et caballari et clerici et pedones et mercatores et mulieres non sint capti aliquo modo neque raubati intus uiseum neque foris... Et in quacumque parte locius regni mei milites de uiseo hereditates habuerint per unam solummodo militam, ellas defendant. Et de militibus qui in uilla morantur mandamus ut si aliquis eorum caballorum suum perdiderit non exigatur ab eo caballus per duos annos. —Et milites et clerici qui in ueteri civitate de uiseo casas habuerint, possideant eas sine regali facienre. Et mercatores et pedones similiter. Et in casas caballarius non intrent caballi domni Regis per forcian. Etc.

Como decorre do latim bárbaro transparente, um verdadeiro maná chovia em Viseu para beneficio do cavaleiro e do vilão, do frade e do profano, do soldado que perdia a montada e do soldado que possuia bens ao luar. A mão régia ali não se cansava de semear as rebatinhas seus privilégios e mercês. E porque o habitante se tornava deste modo potestade que admira tomar-se cautela com ele! O provérbio ambiguo, como em geral a chamada sabedoria das nações, não pode ter outra explicação. E o bom judeu figura ali apenas como termo de realce e de sainete.

Capacito-me que seja assim, porque está em conformidade com o espirito das coisas e sua hermeneutica. Desde o alvorecer da nacionalidade o viseense foi um mimoso da sorte. São inumeros os alvarás a isentá-lo de dizimos, jugadas e gabelas. Porque na guerra o seu braço fôsse mais denodado que o do filhote de Salvaterra ou de Freixo de Espada á Cinta? De certo não. Porque soube cair em graça... porque tinha a alumiá-lo a boa estrela. Se acontecia o inimigo assaltar-lhe o eido, queimar-lhe a casa, impor-lhe uma derrama de arrastar, em breve, com o ardil próprio, ajudado de Deus ou do rei, reparava o sinistro e, como dantes, voltava a viver. E seculos fora lá ia levando a vidinha, mexido, fura-bôlos, conformado com a fortuna, alma sã, cérebro arejado, assobiando por não saber filosofar.

Quero supor que é sob este angulo que se torna indispensavel encarar as coisas, para bem se compreenderem, neste lugar tão geográficamente o coração de Portugal. E aparecer eu aqui, na portada dum livro consagrado a tombo de pessoas ilustres, se me afigura efeito da lei de benignidade de que estive falando. E assim me persuado que, ao investirem-me de tal encargo, o major Monteiro Leite, presidente da Camara, tenente Joaquim Cavaleiro e mais senhores vogais tinham no intuito, simultaneamente, pôr a recato a lavra vallosa do abnegado investigador e manifestar simpatia espiritul pelo homem de letras da sua terra, modesto mas probo, orgulhosamente me declaro. Em derradeira análise, não fugimos ao signo benéfico.

A' cidade encantadora, pelas mãos dos meretissimos vereadores, entrego reverencioso o trabalho do seu cartorário. E faço votos para que os manes de Maximiano de Aragão, quer pervaguem, *luceant* ou gozem a perpétua claridade, comunguem na bendição do velho foral de Viseu: *Quicumque hoc nostrum factum robojauerit et roboratum conservaverit sit benedictus a deo amen.*

AQUILINO RIBEIRO

"No Limiar da Idade Nova"

de JOAO AMEAL apreciado por CAETANO BEIRAO

A adjudicação do premio «Ramalho Ortigão» do concurso literario promovido pelo S. P. N.—por voto unanime dos julgadores—ao livro «No Limiar da Idade Nova», do dr. João Ameal, veio pôr novamente em foco este magnifico trabalho do ilustre ensaista português.

Já em estudos anteriores e nomeadamente no «Panorama do Nacionalismo Português» e na «Revolução da Ordem», João Ameal se tinha revelado além dum escritor elegantissimo, claro e fluente, na exposição de ideias e doutrinas, um espirito possuidor de vastissima cultura, sempre a par do pensamento contemporaneo nas suas mais variadas modalidades, sem contudo deixar de manter uma trajectoria definida e recta na sua maneira de pensar. Essa mentalidade feita, sistematizada, porque perfeitamente doutrinada, eleva-se porém, a regiões mais altas, atinge rara amplitude no livro que um juri de competencias acaba de premiar. O problema social toma aspectos dum verdadeiro problema moral e a questão é posta com uma largueza de vistas que toca as raias do transcendente. Sem de forma alguma abandonar o «politique d'abord», aforismo que Ameal sempre perfilhou como «meio»—nem de outro modo ele se pode entender—o autor de «No Limiar da Idade Nova» procura estudar, neste seu ultimo livro, os grandes males sociais, mais do que sociais, «mentais», da hora presente, e mostrar a grande clareira da libertação, da salvação do Espirito.

Nestas bases, ele traça «o rapido inventario das aberrações extremas a que o mundo actual foi conduzido, quatro seculos depois do seu afastamento da civilização tradicional, enformada pelos humanissimos principios do Cristianismo». Essas aberrações extremas são três: o «comunismo», o «americanismo» e o «orientalismo».

João Ameal começa por nos dar uma sintese do comunismo.

Nem episodios novelescos para «arripiar» a imaginação do leitor, nem insultos de desprezo com que em geral se pretende liquidar o bolchevismo, nem transigencias intelectuais perante os factos consumados. Ameal vai ao amago da questão doutrinal comunista e estuda-lhe a genealogia, a evolução através dos seculos, os seus aspectos filosóficos, sociais, morais e politicos, a legitimidade de certas reclamações, e o tradicionalismo colectivista no que se refere á Russia. Estuda o marxismo como teoria e a sua aplicação recente. Mostra o encadeamento de Rousseau a Marx, de Tolstoi a Lenine; e traça deste ultimo um perfil magistralmente bem recortado que ficará sendo das suas melhores paginas literarias. Termina o primeiro ensaio desta trilogia social numa profissão de fé na vitoria do Espirito depois de uma luta não apenas «na defesa das fronteiras e dos lares ameaçados», mas «dentro de cada homem, onde as paixões e os instintos hão de fazer causa comum com o apêlo que vem do Oriente».

Em 80 paginas não se pode formular mais sugestiva sintese do comunismo, no que ele tem de intelectual, de humano, de eslavo e de ameaçador.

* * *

O segundo estudo — que se intitula «Babbitt e o seu destino» — é, em nossa opinião, o melhor dos três. E aquele onde o autor, com cabedal enorme de conhecimentos — embora nunca visitasse a América—dá largas ao seu raciocinio, fornece ao leitor imagens preciosas e mostra o que é, no fundo, a mentalidade americana, a «civilização» americana, a «superioridade» americana, em frente da velha mas sempre renascente Europa.

Já se censurou que João Ameal condenasse, neste ensaio, a maquina. Ameal não condena a maquina. Ameal manifesta-se contra o predominio da maquina, o despotismo da maquina, a pretendida superioridade da maquina sobre o espirito, e mostra como essa inversão de valores, longe de representar progresso, representa mas é atraso de civilização, um mal de que a Europa precisa defender-se. Magnifica a sintese da mentalidade «yankee», a sua filiação nas «insubmissões espirituais e civicas» da Reforma e da Enciclopedia, o seu paralelismo com a Russia de hoje em dia. «Em Moscovo, em Nova York, cenarios diferentes—e o mesmo drama. Comunismo e Capitalismo igualam-se no desconhecimento da realidade humana, da realidade «integral»— e ambos fazem do homem um simples elemento de trabalho «standardizado» ao serviço dum cego e absorvente pan-economismo. Comunismo e capitalismo são, neste sentido, irmãos gémeos—embora irmãos inimigos». O ensaio sobre o Americanismo acaba num voto de esperança em que a hegemonia europeia, o que equivale a dizer a hegemonia latina e cristã, a supremacia do Espirito, enfim, recupere o seu imperio e salve não só o velho Mundo mas a propria America. «Salva a Europa, a America—sua projecção além-atlantica — estará salva tambem».

Se Ameal não nos conta factos novos, a sua tese tem aspectos absolutamente novos, arrojados. Se vai buscar depoimentos alheios para formar o seu quadro, esse quadro é original na sua confeição, como original é a conclusão a que chega. O autor não se arrima a um ou outro ensaista: Duha-

(Vêr continuação na 6.ª pagina)

Canción de la Noche Escura

I

En una Noche escura
Con ansias en amores inflamada,
O dichosa ventura!
Sali sim ser notada,
Estando ya mi casa sosegada.

II

A escuras, y segura
Por la secreta escala disfraçada,
O dichosa ventura!
A escuras y en zelada,
Estando ya mi casa sosegada.

III

En la Noche dichosa
En secreto que nadis me veia
Ni yo mirava cosa,
Sin otra luz ni guia,
Sino la que en el coraçon ardia

IV

Aquesta me guiava
Mas cierto que la luz del meio dia,
A donde me esperava
Quien yo bien me sabia
En parte, donde nadie parecia

V

O Noche que guiaste!
O Noche amable mas que el alborada!
O Noche que juntaste
Amado con Amada
Amada en el Amado transformada!

VI

En mi pecho florido,
Que entero para el solo se guardava,
Alli quedo dormido,
Y yo le regalava,
Y el ventaile de cedros aire dava.

VII

El aire del almena,
Quando ya sus cabellos esparcia
Con su mano serena
En mi cuello heria,
Y todos mis sentidos suspendia

VIII

Quedome y olvidome
El rostro recliné sobre el Amado,
Caso todo y dexeme.
Dexando mi cuidado
Entre las azuzenas olvidado.

Frei Juan de la Cruz

Do livro *Obras Espiritnales* de Frei Juan de la Cruz, primeiro descalço da Reforma de N. Senhora do Carmo, Coadjutor da Bemventurada Virgem S. Tereza de Jesus Fundadora da mesma Reforma. Ano 1618.

Dez minutos com

Gonzalez Ruano

Da colorida e violenta Espanha, chegou ha dias um mensageiro do jornalismo. Gonzalez Ruano, com o seu perfil decadente, as suas maneiras hiperbolicas de escrever e o seu orgulho brazonado ou não, é, incontestavelmente, uma pena agil, nervosa que desliza, com graça ou irreverencia sobre os assuntos, com certa palpitação de beleza, em timbres novos de estilo. Embora muitos o considerem um tipo hibrido de intelectual, dozeado de nevroses á Verlaine e de Gomez Carrilho, abominavel na sua vida particular — o seu perfil equivoco projecta-se sobre o drama de Mata-Hari — mas riquissimo de observação e de descritivo nas suas cronicas, que são autenticas obras primas — este Gonzalez Ruano, que dos cafés romanticos do velho Madrid, e das colaborações dos jornais vespertinos subiu até aos *mapples* confortaveis do *A B C* é, de facto, um valor tipico do moderno jornalismo espanhol.

Cultiva o sensacional, embora não exista. Agora veio até Lisboa. Charlou despreocupado, sentado num banco de três andares, dum «bar» americano, bebendo, com amargo sacrificio, um absinto literario. Procurando um espelho onde reflectir, com narcisismo, o seu perfil decadente, disse-nos no seu grave e cintilado castelhano de Granja dei Henar.

— Gosto de Portugal! Da sua paisagem que se confunde com a da minha terra no clima ambiente que, desde a fronteira — suspiro da Geografia — se torna cada vez mais suave e idilico.

— O que impressionou mais favoravelmente?

— A cortezia que Portugal reconquistou e que Espanha perdeu, áparte uma «élite» minoritaria.

— E desfavoravelmente?

— O frio domestico! Como oficialmente em Lisboa não ha frio, nas casas, nos teatros e nos cinemas, ninguem se preocupa com o aquecimento. Existe um dilema em Portugal: a pneumonia ou uma intoxicação por esses horriveis fogões de petroleo.

— Qual a sua impressão do jornalismo espanhol?

— O jornalismo espanhol não existe! Ha literatura que por necessidade de vida se publica nos jornais, e é jornalismo anonimo, bom e resignado.

— E você?

— Faço jornalismo porque não posso evitá-lo. Sou nervoso e tenho pouco dinheiro.

— Qual a litetratura de que gosta?

— Da das cartas de amor!...

Estamos no dominio do paradoxo. Vamos até ao fim.

— A sua maior admiração literaria?

— O «cognac»!

— Tem trabalhado muito?

— Agora tenho dois livros a sair: *Madrid Entrevisto*, estampas madrilenas, e o *General Primo de Rivera*, biografia dum iluminado.

— Quanto ganha por cada cronica?

— As que escrevo assinadas para o *A B C*, *rendem-me* cento e vinte e cinco pesetas. Tenho dez por mês — sejam aproximadamente quatro contos na sua moeda.

— E' pouco, Ruano. Em Portugal ganhamos muito mais. Se quizer vir para cá, oferecemos-lhe o lugar!

Três poemas ineditos

NOVA CANÇAO PERDIDA

Falei!
Ela, defronte de mim,
pálida e séria. Julguei
que era a minha hora, enfim,
e disse como pensei.

Pálida e séria. Parecia
tudo o que é belo e distante.
Eu sentia
que me ouvia
para passar adiante...

Continuei.
Que valia,
por mêdo,
guardar o que já guardei
passava mais de ano e dia?
— Segrêdo do meu segrêdo?

A minha voz ondeava
à sua volta.
Pairava
— fôlha morta, fôlha sôlta,
caindo, inútil
e fútil...

Talvez...
— Ia tão longe! Hesitava...
— Outra história: Era uma vez
uma estrêla que faltava...
— Mais longe ainda... E voltava,
mas não ficava de vez!

Sorriso pálido... — Triste?
— Sei lá! Talvez humilhada
dêste amor que só insiste
com velhas palavras mortas
de bater a tantas portas.
A bôca é pra ser beijada!

Eu dava graças á noite
que me ajudava,
e nem via
seu sorriso que magoava.
Seu sorriso de ironia
era o dia
que apagava
as sombras do que eu dizia...

Continuei.
Que valia
guardar o que já guardei
passava mais de ano e dia?

A' sua volta
a minha voz ondeava
— fôlha morta, fôlha sôlta,
caindo inútil
e fútil...

Talvez...
Coração.
mas... porque não?
— Outra história: Era uma vez...

António de Sousa

Coimbra, Julho, 1933.

LISBOA

Europa, cansada, em ti descansa.
toma coragem antes de morrer;
foi longa a sua vida, agora ao mar
se entrega: vão nascer continentes
novos e mais vastos? Europa não sabe
o que está além do seu respiro.
Selvas, rios, talvez uma outra gente
feliz, sábia, menos atribulada
que a que nasceu da sua semente
ou unicamente o fim de toda a vida?
Talvez... Ela morre e tinha tido vida
em cada torrão e tinha originado
de cada grão um rebento, de cada
dôr uma esperança, sozinha morre
mas tu espera-la no ultimo lugar
da sua vida, miraculosamente
aparecida, para dizer-lhe adeus.
Terra improvisa como uma aventura
já do Oceano, já do ar tu és:
como uma vela perigosa e alada
consolas, todavia, piedosa, a terra
do seu morrer, tu que és tão leve
que pareces sómente imaginada.
Tudo no seu lugar, porque tu queres
o Oceano imenso, as timidas colinas
os rudes escolhos inanimados
as lembranças que chegam moribundas
tremulante sobre a rocha extrema.
Confiante assim se apaga a Europa
reencontrando na terra derradeira
a esperança de vidas mais longiquas
o presagio de novos continentes.

Giuseppe Valentini

Director do Instituto Luso-italiano e leitor de literatura italiana na Faculdade de Letras de Lisboa

(Tradução de Herminia Ferreira).

VITRAL DA TARDE

A Gloria Nobre de Gusmão

Perpassam barcos, pelo azul do rio,
Polindo, lentos, a água de safira...
Airosas velas, de perfil esguio,
Vão para o Mar — enquanto o Sol expira...

Deixam a barra, em linha de cortejo,
A acompanhar, talvês, o Sol-poente...
— E' mais azul, agora, o rio Tejo,
E o marulhar das aguas mais se sente... —

Vão descrescendo, muito ao longe, as velas...
Esfuma-as a Distância, como em telas
Irreais, na parábola dos ceus...

E as gaivotas, planando sôbre a água,
Em caprichosos vôos, lembram a mágua
De lenços brancos — a dizer adeus!...

Lisboa, Dez., 1934

(Do livro «Côr», em preparação)

Manuel de Moraes

A "Comedia Humana" em Portugal

(Continuação da 2.ª pagina)

a eloquencia, a paisagem, a narrativa, o heroismo, a predica, o conflito teatral, a confidencia murmurada e o grito sonoro. O buslis reside em saber selecionar e determinar em que proporção tais elementos se combinam, sem prejuizo para o equilibrio duma obra.

Existe, em Portugal, apesar do que julgava Fialho de Almeida, a abundancia de tipos em cujo cerne moral a intuição e a observação de escritor deslinda os fermentos especificos que constituem o homem, em função das taras, dos impulsos, das convicções e doutrinas, das energias e das tentações que os assoberbam. A religião, a politica, os costumes, as artes e letras, as classes, os grupos, as ideias que se debatem e as lutas que se travam, os sentimentos, as paixões e as rebeliões não são cousas que se sustentem no espaço, anómalas e alheias a qualquer interpenetração social.

O mais vulgar dos nossos actos carrega-se de significações que o alargam e distendem, como os mil fios dum calabre. Eça de Queiroz para estudar uma qualquer das figuras dos seus livros revolveu, porventura sem atentar nisso, os estratos mais diversos da comunidade portuguesa. Os problemas que parecem confinados nos andares dos predios possuem uma latitude em que se reflete a sensibilidade geral, e tambem os mandamentos e leis em vigor.

O caso restrito estudado, no *Primo Basilio*, abrange, na sua ilusoria concisão, a atmosfera dum periodo, com a sua absurda floração de bem e de mal. Nos *Irmãos Karamazoff*, está todo o vulcão que agitava a Russia, czarista e alumiada.

O encontro de dois corações para a hipotese de honesto consorcio, tanto origina as *Saudades* de Bernardino Ribeiro como a tragedia esquiliana. Contemos sempre com o imprevisto das situações e as reacções dos temperamentos.

O homem, principalmente nas crises em que entra em fogo o seu destino, flutua e divaga, qual pedinte que esmola de povoado em povoado. Demanda olhar de lince, a pesquisa das duvidas que o laceram. O romancista que, em Portugal, não desejar confundir o corpo com a sua sombra e a sua nevoa carece necessariamente de ser um realista para anotar e um semeador para criar.

24-1-1934

JOAQUIM MANSO

LETRAS CONTEMPORANEAS

Um capitulo de 'O PINTO'

(Memorias dum cacique eleitoral)

do CONDE DE AURORA

Num bem curioso livro que acaba de aparecer — «O Pinto» (memorias dum cacique eleitoral) — o Conde de Aurora, nome bem conhecido nos meios literarios, aborda com grande poder de sintese e agudo espirito de satira um tema de particular interesse: o caciquismo que caracterizava certos politicastros da velha guarda, nas suas miserias e nos seus ridiculos. Transcrevemos um dos capitulos — o oitavo — em que o leitor pode avaliar o estilo do romance e do seu autor.

VIII

—«Boas tardes, *Sé* Pinto».

E uma pequena aldeã passou, sorriu, e na dobra da cangosta perdeu-se entre os valados musguentos e as silvas bravas de amoras côr de vinho, poeirentas.

—«Adeus Quinhas»—retorquiu o Fidaurgo lançando-lhe uma risadita casquilhante de sátiro *bon enfant*.

No pinhal, na encosta em frente, um bode—pareciu que em eco—soltou uma gargalhadita igual.

Pinto ergueu-se do banco de cortiça onde estava amouchado—e vagarosamente atravessando o pomar de espinho foi sair ao encontro da Quinhas.

Na vereda estreita, pisando as poldras altas que livraram dos invernos, enquadrada pelos esteios de granito da latada, recortava-se no horizonte o perfil da moçolla—helénico debuxo de frizo.

Poalha de oiro e de lilás era o pano de fundo.

Anoitecia.

Não viu de-certo o Fidaurgo aqueles olhos a reflectir todo o azul do céu minhoto—azul onde se lia uma ternura virginal, meiguice menineira de boleirinha de presepe, risos e lágrimas a brincar.

Menina que desponta...

Não viu de-certo.

Mas os peitos altos enforcados nos juncos do espartilho de aldeia, e o meneio das ancas saracoteando a roda, toda folhos, da sala de estôpa riscada de preto e verde

Vermelho de maçã reineta era a carita, em chapadas de *rouge* natural:

Leite e rosas, o triangulo do pequeno decote da camisa de linho grosso.

Debaixo do lenço—pontas atadas á moda da Montaria—saiam dois *cachuchos* a escorder a orelha miudinha, côr de rosa—rosa e oiro, oiro da larga arrecada caida.

Olhos azues—azul do céu minhoto.

Espelho a presagiar um futuro eido pequenino—quatro palmos quadrados: a maceira a *côrte* das *touras*, o cortelhito do *pórco* («com sua licença»), a arca dos linhos, a larga cama de castanho—alegre, de folhos caidos e colcha clara de lã caseira xadrezada.

Ao meio-dia, cestinha de Barcelos coberta de fina toalha arrendada de crivo—a levar a comida ao *home* que andaria longe, ao jornal.

Noites de invernia, longas noites conjugais, tão curtas—e o calor do estábulo próximo, e o bafo e o odor nitrico dos animais, e a lareira onde a borralha encarranha as *maçães* e as castanhas que estouram.

Fussam os *pórcos* tão perto—e as *touras* vivem parede meias—se a *tápia* é tão baixinha...

Dias de trabalho de sol a sol—de sol a sol!... toca a buzina ás três da manhã, quando se vai ao tojo ao *báurdio*, ainda o Padre não disse a missa de alva que se pode rezar *um* hora antes do ser dia, todos o sabem. E só depois das Trindades—noite já, há quanto tempo não se escondeu o *sór* atrás do Castelo—o rancho vai caminho de casa trotando como sardinheiras das Neves—«Boa noite oh! Rosa! Adeus! *Ti Maneuri*»—nas encruzilhadas das veredas que levam aos lugares.

...e por baixo das ramadas que emsombram todolos caminhos há recortes das cruzes dos portais, doiram as alminhas as espigas votivas *pandura-*

CONDE DE AURORA

das pelo *folheco* côr de hóstia—e através os gavinhos que nascem numa noite morna de amor e gestação, e se enlaçam e torcem e requebram como baladeiras langorosas de haréns encantados—irreais de sonho em suas dansas *au ralenti*—cai sobre o par um raio muito ténue da primeira estrela da tarde, que além se esconde já porque é noite: Vénus.

Olhar de azul do céu—dizia aquilo tudo, espelho do céu minhoto; azul e oiro, objectiva aberta...

Mas o azul morre, e morre o oiro no cair da noite.

E como mão brutal que frente a uma luneta astronómica corresse negra cortina—o infinito desapareceu.

E o azul é incolor—é sómente desejo.

Palavras trocadas—palavras de amor julgarão.

Não, era o Fidaurgo...

... ...

Pistões batem em ritmo crescente, acelerador a fundo, magneto avançado.

E cada vez mais.

Treme a cambota—e o *chassis* estremece e toda a *carrosserie*—num esticão final.

Silencio, parou repentino o motor—tudo é silencio, como numa descida.

E a natureza é triste.

... ...

Nos fojos escondem-se os bichos.

Esperaram a noite e vão então para os lugares escorsos.

E'poca do cio.

Luta rápida—arremedo de luta.

Triunfa o macho.

Depois separam-se.

E vão tristes, satisfeitos.

... ...

A estrela da tarde andou no horizonte meio palmo—estava há pouco na copa daquele pinheiro manso, vê-se ainda bem através o segundo galho.

O Fidaurgo esfrega as mãos e entra cantarolando na cozinha.

—«Esses *rijões* bem quentinhos!»

E de grossa chavena na mão vai com o jornaleiro tirar a caneca de vinho da ceia.

Ao longe, no quinteiro da Quinhas, uiva um cão, lugubremente.

Aves de rapina, negras, perpassam no ceu.

Tudo é negro lá fora—é negro o céu, o céu minhoto que era azul e oiro como manto de virgem.

Luzem candeias nos *jinelos*.

Mas não em todos.

Uma luz que se apagou.

A côr liturgica é a negra.

... ...

A'quela mesma hora, numa floresta do interior de Africa, entre o zumbir tropical da selva, a 40º á sombra de calor humido, uma figurinha de branco ensina doutrina a um catecumeno selvagem. A Irmã de Pinto, a freira.

Um vélho chefe prepara-se para a 1.ª comunhão—e sinceramente se penitencia de não ter sabido bem cumprir o 6.º mandamento. (O 9.º não porque todas aquelas dezenas de mulheres que tinha possuido eram dele. Dele, tão dele como as cabeças de gado que lhe tinham custado).

Tambem era influente eleitoral, este velho chefe de tribu—com tantos, ou quasi tantos crimes no passado, como o Fidaurgo.

A'quela mesma hora, num laboratorio da Europa Central ardia em vigilia uma lampada.

Há 18 horas que as pestanas duma mulher se queimavam, para tentar descobrir a influencia do radio na cura do cancro.

A'quela mesma hora, em rua estreita e desabrigada de tanta cidade e vila de Portugal—*gargarejava* um mancebo.

Numa janelita de prédio alto e triste, em frente, uma ela.

E durante horas falaram sem saber o que falavam ou as horas que eram—o fluido maravilhoso envolvia-os, fixando-os como a luz do luar numa paisagem fixa a emanação das plantas e contra-venena os efeitos das marés.

A'quela mesma hora, saiam embuçados duma burguesa e anodina casa das Avenidas Novas, em Lisboa, aqueles que haviam planeado a morte de El-Rei.

A'quela mesma hora, começava o baile da côrte em S. Petesburgo. Lacaios empoados, zingaros langorosos cozinheiros pantagruélicos, cossacos bestiais, *popes* tresloucados, grã-duquesas embeiçadas, aristocratas caucaso emparisianizados.

A'quela mesma hora, num cafedório fumarento de Montmartre, esguedelhudos judeus escorropicham intermináveis copos de chá fervente, palrando todos á uma.

Sôa frequente o apelido Marx. Um dos mais acalorados discursadores, chamam-lhe Lenine: pobre diabo desconhecido, tolerado pela policia que o vigia molemente, é um visionario sem adeptos, escritor de brochuras clandestinas sem leitores.

Não chega a viver, vegeta de ideal utópico e de bules de chá, de uma femea e de pontas de tabaco amarelo.

Chamam-lhe Lenine, os amigalhaços da tertulia.

A'quela mesma hora, no alto mar sôa uma sineta. O oficial de quarto chega ao tombadilho revezando o precedente.

Luzem lampadas de sinais.

Sentinelas, alerta, chispam baionetas.

Canhões apontam, alças marcam distancias. Torpedos caros dormem sossegados em seus berços de aço pulido.

Como se fôsse possivel, neste primeiro quartel do seculo XX, uma guerra!...

E o oficial, o oficial de quarto, lê *Madame Crisantême*.

Na casa das máquinas trauteia-se um faduncho:

«Em pleno tribunal
Se julga cruel destino».

A'quela mesma hora, a mocidade aristocrática alfacinha vai para os bastidores dos teatros de revista ligeira, marcam-se mesas de ceia nas tabernas de Bemfica e Algés.

Bocejam, frente ás mulheres legitimas, aqueles *Dom Joões* do «Chiado 5 horas» que têm de parceria com os amigos um luxuoso *coté* mobilado na Baixa.

Alguns militares de boa familia galopam a ronda dos quarteis—ignorando que um dia andarão a pé, despindo á fôrça a farda.

«O Rei corre algum perigo?»

A'quela mesma hora, o chefe do governo redige mais um decretozinho contra as ordens religiosas. («Para garantir a paz constitucional, argamassá-la de vez, não há como acabar com a ameaça da reacção clerical»).

A'quela mesma hora, á sobreposse, come-se e bebe-se em muita cidade—aquela mesma hora poderiam ainda salvar-se uns milhares de crianças que vão morrer de fome.

A'quela mesma hora, nas salas de recepção das casas hospitaleiras de certos bairros excentricos das capitais começa—a chegar a freguesia macha, e o pianista esgrouviado e clorótico tira os punhos e matraqueia os *pasodobles*, mais parecendo manejar um descarolador de milho que aparelho destilando musica.

(«Olé! Olé!»).

A'quela mesma hora, no silencio de sombras, cada com seu lampeão, passam como sombras, pelos vastos claustros dos mosteiros, as sombras brancas dos que já não são deste mundo.

... ...

O livro de João Ameal

(*Continuação da 4.ª pagina*)

mel, Morand, ou Luc-Durtain; constroi a sua teoria pessoal, conclui com perfeita independencia da sua inteligencia em plena e livre laboração. Este ensaio ficará como das melhores coisas—se não a melhor—que no genero se têm escrito.

★ ★ ★

O ultimo «discurso» é dedicado á influencia do orientalismo no Ocidente, e em particular de Rabindranath Tagore, «ao lado de Gandhi, uma das primeiras figuras da Asia moderna». Estudo mais rapido do que os anteriores ele não deixa de ser tão incisivo como aqueles.

Nas suas roupagens de poesia e de paz, Rabindranath esconde propositos hostis para a civilização ocidental; é o profeta das nebulosidades nirvanicas do Oriente que pretende arrastar os seus para a luta, para a conquista, para a vitoria. A sua condenação do nacionalismo em nome duma vaga religiosidade humanitaria lembra Rousseau e Tolstoi. O panteismo, «eis o pélago esteril onde nos conduz Tagore. Estamos em face de outro mal espiritual da hora presente: ameaça para a Latinidade e para o Cristianismo com que não devemos iludir-nos». E João Ameal apela de novo para a reacção salutar do Ocidente, para a restauração de todas as suas energias e virtudes, para «o reatamento da marcha progressiva, equilibrada, segura, que a humanidade seguiu no grande seculo de S. Tomaz de Aquino, de Luiz IX, de Dante e de Giotto». Nova Idade Média ou melhor Idade-Nova «que seja a plena realização de todas as virtudes de resgate do «homem de hoje».

Como se vê, na unidade desta trilogia ha um grande pensamento cuja expressão poderosa, clara, fundamentada, iluminada por uma alta convicção e uma dominadora espiritualidade, constitui um grande livro. «No Limiar da Idade Nova» é, na verdade, um grande livro condensador de ideias e orientador de inteligencias.

Mais não é preciso dizer para se vêr que estamos em presença duma obra rara, unica talvez no nosso meio literario, e que marca um lugar felicissimo na historia do Pensamento português.

CAETANO BEIRÃO

NOVIDADE LITERARIA

A' LUZ DUM IDEAL

POR

CAMARA MANOEL DE MELO

A' venda em todas as livrarias

O PANORAMA LITERARIO PORTUGUES

Opiniões de Hipolito Raposo

O sr. dr. Hipolito Raposo é das figuras mais expressivas do pensamento português. Tem uma obra notavel no duplo aspecto literario e politico. Alinhando á «direita» com uma sinceridade de opiniões que os seus adversarios respeitam, a ele se deve, com Antonio Sardinha, Pequito Rebelo, conde de Monzaraz, Rolão Preto e outros a fundação do chamado Integralismo Lusitano. Não vamos aqui marcar os aspectos doutrinarios dessa falange monarquica, demasiadamente conhecida e discutida. Hipolito Raposo, como os seus pares, bateu-se pelo chamado nacionalismo, que, mais tarde devia enraizar, no terreno politico, florindo caprichosamente.

A par das suas campanhas politicas, de que se pode discordar, mas que se assinalam pela elegancia e pela veemencia — Hipolito Raposo tem atrás de si uma larga obra de critica e imaginação.

Na primeira, ha um livro que é simbolico da sua maneira e do seu pensamento: Pedras para o templo. *Pedras aparelhadas, cinzeladas, com lavores de artista, e depois erguidas num verdadeiro monumento de fé espiritual, onde, se nem todos comungam, ha, no entanto, belos pormenores de beleza e de idealização.*

Na segunda, o sr. dr. Hipolito Raposo, manifestando o seu portuguesismo, demonstra tambem as suas admiraveis qualidades de novelista, que sabe viver o assunto e transmiti-lo á sensibilidade dos leitores. «Ana a Kaulunga» e Areias de Portugal, *obra recentissima, são exemplos das qualidades deste grande escritor — que, em Portugal d'aquem e d'além mar, ao contacto da nossa terra e da sua grey construiu uma bela obra de nacionalismo.*

HIPOLITO RAPOSO

—Quais as caracteristicas da actual literatura portuguesa? Pode definir-se uma escola?

—Para definir escolas, no sentido corrente, importaria reconhecer previamente a identidade, ou semelhança de caracteres em grupos diversos de escritores, e parece-me irredutivel a classificação o documentario actual das letras portuguesas. Os valores que nelas se afirmam, sem grande preponderancia, vamos, denunciam tão diferenciado pessoalismo que bastas vezes o vemos traduzido em hostilidades reciprocas, quasi de azedume partidario. Escolas, não; ainda não.

«Quando muito, tendencias que se esboçam.

—Como explica isso?

—Assim tinha de ser num periodo em que os escritores prescindem de objectivos elevados para as suas criações, quando á falta de ideal, por haver perdido a séde do absoluto, a Inteligencia se contenta com delirios de abstracções e fogachos de paradoxos.

«Sem alentos de reacção, tudo se sacrifica ao efemero, á objectividade limitada e muitas vezes degradante.

«A ausencia de fundo filosofico, de intenções logicas ou construtivas, de preocupação moral, liberta o autor de si mesmo, quebrando as disciplinas que o amarravam; mas escraviza-o ao imperio dos instintos alheios, prende-o na esfera dos sentimentos inferiores, á lei do acaso ou ao capricho fugaz das modas.

—Como se escreve hoje em Portugal?

—Nunca se escreveu tanto e tão mal na nossa lingua.

—Porquê?

—Por não haver função de critica séria, orientadora, é inevitavel o divorcio dos escritores e do publico, pois que o leitor vai aceitando docilmente o que lhe metem pelos olhos ou se lhe depara nos cartazes das conhecidas agencias de imortalidade. E para remediar a deficiencia do juizo proprio, raro poderá fiar-se do alheio quem o quizer seguro, livrando-se de cair na perversão do gosto literario de que se tornam tantas vezes culpados os jornais e as revistas.

—Pode marcar valores?

—Valores? Em muitas expressões e generos, alegremente conheço e almiro talentos verdadeiros, dignos depositarios da nossa tradição culta. Descontando o lote dos que põem lunetas fóscas a Camilo, dos que mudam em cacete o chicote de Fialho, dos que fabricam o riso ironico do Eça, riso já sem esmalte nos dentes—ainda vicejam no grande pomar das ilusões literarias alguns espiritos independentes, submissos á propria dignidade, fieis devotos de Minerva e de Apolo num ciclo pasageiro em que se entronizam Mercurio e Platão...

—Quais as suas admirações?

—A minha admiração mais alta ofereço-a aos poetas que aí temos, vivos graças a Deus, dos maiores que conheço na Europa e na America. Por desgraça, a poesia, voz que mais alto e claro falou sempre em Portuagl, anda ai quasi no esquecimento e no desprezo de muita gente que, literariamente, desprezo verdadeiro merece.

Conto-me entre os ultimos portugueses que gostam de lêr e de ouvir recitar versos, talvez porque nunca os soube fazer.

—Quais os aspectos da crise literaria?

—O aspecto mais lastimoso da nossa crise presente, está no desamor com que tratamos, na barbaridade com que martirizamos a nossa lingua. Em nenhum país do mundo o desrespeito pela propria linguagem poderá ser tão triste e condenavel, com vilipendio diario da sua fonetica, da sua plastica e das suas leis de construção.

Nenhum de nós está lavado de culpas, inocente de ofensas ao idioma. Os ultrajes vão desde o «Borda d'Agua» ao «Diario do Governo», procedem das academias e assembleias, da oratoria e do teatro actual onde a prosodia quasi sempre cheira a iscas de cebolada.

—O que se devia fazer em defesa da lingua? Do seu espirito?

—Grandes malfeitores dessa triste enfermidade são os livros escolares de todos os graus de ensino, sem excluir as proprias selectas.

«Contra esta onda de anarquia e mau gosto nada valeriam comissões de defesa, nem sanções positicas: só pela renovação da Escola, pelos deveres do ensino e pelas recompensas publicas seria possivel reagir.

Para ouvir falar português sem mácula, é de bom conselho travar conversa com os grumetes, pescadores ou serranos a quem a ignorancia do alfabeto ainda lhes permite conservar o mais distintivo sinal da nossa terra.

Uma profissão de fé literaria:

—Não cometerei o êrro de confundir com época de decadencia intelectual, uma grave crise de rejuvenescimento. Pelas idéas e sentimentos de que dá obscuro testemunho o exemplo da minha vida de espirito, não posso augurar o crepusculo da Patria. Creio na sua ilimitada duração pela sucessão dos seculos, vencendo pela sobrevivencia dos sentimentos, do sangue e do espirito, a condição perecedoura das gerações, de nós todos que em fugidios momentos, existimos, trabalhamos e sonhamos.

—Quais as consequencias do individualismo?

—Pelos romances, novelas e dramas que aí se amostram, ainda se espraia a onda de individualismo, de nihilismo, se quizerem, que originou a anarquia do sentimento romantico e que vai avassalando a propria Inteligencia. Em nenhum periodo da nossa historia foi mais grave a responsabilidade dos escritores a quem pertence, depois da Igreja e da Escola, a restauração das forças morais, a defesa da sua proeminencia entre os rugidos do Instituto e os rumores estridentes da tecnica.

As intenções de justo alarme que ditaram a Bourget, ha perto de meio seculo, em «Le Disciple», o prefacio «A un jeune homme», aumentaram com tal gravidade e amplitude que nos parece quasi ingenua a preocupação do escritor. Não se trata de erguer a Nação para as alvoradas de uma desforra; procura-se reconduzir os homens a um plano de harmonia construtiva, de convivencia e de justiça social; luta-se pelo designio imperioso de defender os valores, os institutos, a propria alma da civilização.

—Qual a atitude do escritor?

—Travada a batalha, mais do que nunca deveria o escritor sentir o peso da sua pena, verdadeira arma de combate, que mata ou que redime.

«Compete-lhe servir-se dela como os antigos cavaleiros, á voz dos seus motes usavam da espada, brandindo-a com razão, para a embainhar com honra. No conflito que vai trasbordando das oficinas para as praças, das letras para a politica, da ética para a libertinagem, opondo os corpos ás almas, o triunfo definitivo será do espirito, porque ao longo dos sofrimentos a que obriga a escalada de montanhas de odio, de egoismo e de maldade, o espirito tem asas e sempre poderá voar.

Lope de Vega e Portugal

(Continuação da 1.ª pagina)

tro. A cena em que D. João II entrega o cetro a seu pai, apesar da reiterada generosidade de D. Afonso, é aproveitada por Lope para o final brilhante ta de senhor da Renascença, sem faltar por isso á fidelidade com que transcreve dramaticamente as cronicas de Rui de Pina e de Rezende, por ele consultadas.

de um acto, que certamente inspirou Calderon de la Barca quando escreveu a ultima cena de «La vida es sueño». As descobertas e conquistas ultramarinas do reinado deste soberano, o épico matiz desse periodo da Historia portuguesa são dados com magnifica exuberancia nas cenas da conversão e baptismo de um rei étiope que vem para trazer ao rei um magnifico presente, como no primeiro acto de «El duque de Viseo» o condestavel de Portugal, vindo de Africa, apresenta ao taciturno monarca.

E' tambem assás curiosa a aparição em cena de Cristovão Colombo, de regresso da sua primeira viagem á America. Não obstante as instancias dos nobres para que o mande matar, o rei, como principe temente a Deus—diz Rui de Pina e exagera Lope—não só o não faz como o homenageia e lhe concede grandes mercês.

Nem o português mais entusiasta das glorias do seu país, teria podido ir mais além.

«Como el Rey Don Juan habia
De envidiar los castellanos
Si sus fuertes lusitanos
Llegan donde nace el dia?».

diz Lope, adiantando uns anos esta chegada, em honra do seu heroi.

A forma poetica das duas partes de «El Principe Perfecto» é cuidada e notavel. Talvez para dar maior ambiente á sua obra, Lope introduz uma formosissima glosa feita a pensar nos trovadores do Cancioneiro de Rezende. Não resistimos á tentação de a reproduzir:

«En la fuente esta Leonor,
Leva el cantaro llorando,
sus amigas preguntando
—Vistes por allá mi amor?
—No lo hemos visto, Leonor».

Noutra comedia, que podia ser tragedia, se Lope não admirasse tanto a casa de Bragança, intitulada «El mas galan português Duque de Berganza» trata o insigne dramaturgo da morte de D. Leonor de Mendonça, da casa espanhola de Medina Sidonia, ás mãos do ciumento e enigmatico marido, D. Jaime, duque de Bragança, pai de D. Izabel e do duque Teodosio, famoso pela côrte literaria de Vila Viçosa, a que o proprio Lope assistiu, e em honra de cuja «tapada» leu um longo poema em oitavas reias. Tal como perante as mortes violentas de «El duque de Viseo», Lope sabe deixar a salvo a honra das personagens centrais. Cronistas portugueses, romances populares e historias castelhanas falavam já da inocencia de D. Leonor e da ferocidade do Duque Jaime. E hoje não duvida apelar para a velha lenda medieval espanhola de «Dona Estefania»—a esposa morta por engano de seu marido que logo se arrepende e disciplina; artificio este de que deitou mão noutras comedias. Como de costume intercala, no momento culminante da obra, o romance popular em que se perpectuava o drama, mas com destreza singular modifica os versos que não convêm á sua tese benevola. Este tema de «Doña Leonor de Mendonça» foi varias vezes levado ao teatro português, e com exito, por Luiz de Campos e pelo ilustre brasileiro Antonio Gonçalves Dias.

Entre outras obras de assunto português que se encontram nas colecções de Lope, recordemos como mais importante a graciosa comedia corteza «Los guantes de Doña Blanca», cuja acção decorre no reinado de D. Diniz, do qual nos faz um acabado retrato, adornado de todas as lisonjas e benevolencias para os seus erros; «El Brasil restituido», onde as façanhas guerreiras dos portugueses alternam com as espanholas na famosa expedição naval ao Brasil no tempo da dominação holandesa; «La tragedia del Rey Don Sebastian y Bautismo del Principe de Marrueços»; «La adversa fortuna del Infante Don Fernando de Portugal», e outras muitas que a dupla guilhotina do tempo e do espaço me não permitem sequer citar.

Não só na Historia de Portugl encontrou Lope assuntos e personagens para o seu teatro, mas tambem em Gil Vivente, e mais concretamente no auto das «Barcas», refundido em 1539 e representado, na sua presença, em Barcelona, com o titulo de «Tragicomedia alegórica del Paraiso y del Infierno», ele encontrou a formula tecnica e ainda o tema do seu auto «Viaje del alma».

As suas relações com escritores portugueses são incontaveis. No «Laurel de Apolo», cita muitos engenhos lusitanos, embora não tantos como queria o zelo patriotico do alferes Jacinto Cordeiro que amavelmente lho notou resenhando esquecimentos no «Elogio de Poetas lusitanos...», Lisboa 1631. Rodrigues Lobo, Faria e Sousa, D. Francisco Manuel de Melo, Bernardo Ferreira de la Cerda e tantos outros foram seus amigos e trocaram entre si os elogios mais entusiastas.

A sua influencia no teatro «de capa e espada» português dos seculos XVII e XVIII é inegavel. Lirico tão delicado como o horaciano Veiga Pagano glosou e imitou «Daba sustento a un pajarillo un dia», o conhecido soneto a Lucinda, na ode «Aos passarinhos» («Laura de Auspiso», ode IV do livro III—Lisboa, 1627). Vicente Mascarenhas, autor de uma comedia castelhana intitulada «Batalla Naval de Don Juan de Austria» não fez mais do que refundir «La Santa Liga», de Lope. As suas poesias adornaram não poucas obras portuguesas como as «comedias...», de Simões Machado, que reproduz «4 loas famosas», e Bernardo F. de la Cerda, em cuja obra «Soledades del Busaco» existe uma anonima «carta de un caballero castellano», que não duvidamos atribuir a Lope.

Das suas estadas em Lisboa—mais das que até aqui têm sido indicadas nas suas biografias—e até dos seus amores em Portugal, do problema dificilimo que propõem as edições portuguesas do teatro de Lope, ...de tantas coisas podiamos falar que preferimos insinuá-las apenas, para que a nossa pobre expressão não diminua o entusiasmo que alguns professores portugueses eminentes vão pôr ao serviço da «celebração em Lisboa do terceiro centenario de Lope da Vega».

R. MARTINEZ LOPEZ

VIDA LITERARIA

Notas e Comentarios aos Livros da Semana

«Imagens» — ensaios criticos

por Artur Augusto

Eis uma obra dentro do seu tempo. Nesta camada nova de ensaistas, poetas, novelistas, inquietados espiritos moços surgiram ultimamente valores aos quais é necessario—honrado é—que se comece a prestar justiça.

Talvez que o tomo diminuto dos seus volumes, «a concentração» mais extracto do que liquido, os torne arredios da facil admiração publica. Mas esses valores, ás dezenas, existem, e Artur Augusto é um deles.

E' um subjectivo, o autor destas «Imagens», mas não tem nada de abstrato esta sua obra e a sua filosofia espiritualizada, objectivando casos e homens, contradiz de certo modo o intimismo que é a caracteristica (assim o supomos pelo menos) do talento de Artur Augusto.

«A realidade vai de nós para o mundo exterior e nunca deste para nós».

Eis a confissão do que escrevemos acima.

«Do mundo só nos vêm sensações e nunca realidades»—diz o autor. Podia enunciar o conceito ao invés. Mas o resultado para demonstrar «um estado» era o mesmo.

«As ensações não se aprendem nem se determinam: constatam-se».

Salvo o galicismo irritante aqui (e nós reconhecemos que não temos grande autoridade para o apontar) a sentença está certa. Por ela conhecerá o leitor da posição actual do autor, dentro de si, para o mundo para quem escreve.

Este livro — «Imagens» — é afinal critica. Nem um ensaio é outra coisa.

Esta literatura presta-se muito mais do que a poesia ao comentario; a poesia vê o mundo como quere, a critica ensaista como deve.

O poeta grita: «não me discutam leiam-me se quizerem». Um filosofo tem que abstrair de si, porque as suas realidades já lhe não pertencem, e confessa: «não sei se isto é assim: vocês dirão».

Nas paginas «um aspecto da literatura portuguesa» Artur Augusto lança-se na visão do presente, desolado e só; admira José Regio, Fernando Pessoa, Casais Monteiro, de quem nos ocupámos ha dias. Ha uma mistica nestas ligações intelectuais afectivas, como noutras que caracterizam esta «renovação», sadia de intenções triste de formas.

Por Deus! Toda esta gente duvida; toda esta gente descrê, duvida dos outros! Acredita só em si, ou na quantidade «de si» que julga encontrar nos outros. E' o individualismo mais agressivo que se conhece em todos os ciclos da literatura portuguesa. Mas adiante.

A «poesia moderna em Portugal» é outro passo bem urdido de ensaio, dentro da mesma escala. Artur Augusto afirma que só na poesia nessa faceta de arte, o português se encontra em sua casa. Rodeia-se da alma de Sá Carneiro, evoca esse espirito soberano—dizemos nós—de Guilherme Faria, toca em Casais Monteiro, de novo, e cai em Marques Matias, para voltar aos seus Fernando Pessoa e José Regio.

E' porem, muito bem tratado o tema, lapidarmente se me consentem a hiperbole definidora. O autor, porem, tem este exclusivismo: «Todo o poeta contem em si um drama».

O drama está em todo o que escreve, até no ensaista Artur Augusto. Sucede apenas que a poesia, por mais fragmentada, traduz melhor, em gotas, um caudal de amarguras imaginarias.

O que falta, afinal, na renovação—é fé, aquela que lhe sobeja nas palavras.

Vem depois um estudo acêrca de Antonio Botto, e os problemas da moral, da sinceridade e da originalidade, a quem acusa de artista «preocupado mais com a forma do que com a ideia», e a quem nega perpetuidade.

E' muito curioso que estes artistas do espirito, pensadores, poetas da nova forma—passam o tempo a criticar-se, ou a admirar-se (que é a mesma coisa) uns aos outros.

Seguem-se paginas acêrca da historia da literatura brasileira, e Artur Augusto passeia por uma alameda de novos valores brasileiros, afirmando que entre nós se desconhece o belo o luminoso movimento dos modernistas brasileiros. Diz que Guilherme de Almeida é um aristocrata, e exalta Jorge Lima, aquele onde «começa a poesia modernista brasileira».

Um capitulo bom deste livro é, indiscutivelmente, por mais serio, o «breve ensaio sobre a critica»; a personalidade de Manuel Anselmo é observada fugazmente, mas com justeza.

Como já a previamos por anteriores leituras, o autor confessa o seu receio da cultura que exerce influencias nos criticos. E diz: «a cultura só não é prejudicial quando o artista consegue manter a sua personalidade através de todas as leituras». Pois sem duvida. Mas nem a cultura se admite de outra maneira.

Parece-nos louvavel, e nem, sequer referencia merecia «essa sêde de cultura» que o autor nota «nos nossos modernos criticos». O capitulo acêrca da pintura parece-nos mais fraco, e as paginas sobre Casais Monteiro contêm alguns conceitos reveladores da mentalidade de Artur Augusto.

«Toda a critica, como criação que é, obra primaria e tão essencial como a obra visada, admite uma analise, uma outra critica...».

Artur Augusto refere-se á filosofia da «chamada corrente modernista», e indispondo-se com a nebulosidade, (nesta ou naquela passagem) e assinalando o pessimismo, a indisciplina de Casais Ribeiro, confessa a sua admiração por ele, quasi identidade. E' isso a filosofia do modernismo? «A revolta, a ansia de caminhar livremente»?.

Em resumo: neste fugaz comentario, talvez simples noticia, vai a certeza de que este livro *Imagens*, de Artur Augusto nos obriga, pelo menos, a pensar com ele. A acompanhá-lo.

E' uma edição Momento.

«Agua do meu poço»

por Marques Matias

Este livro bem apresentado por «Edições Momento»—que tem gosto—é composto de poemas, ao jeito novo, mas em rima e sonica cadente, com certa disciplina de construção e musica natural de artista, de ritmos puros.

«Agua do meu poço» é da primeira á ultima pagina o livro de um poeta, não apenas pela realização mas pelo sentido intimo da obra.

Marques Matias dá um curto mas impressivo prologo, e nele expõe se não as determinantes pelo menos o espirito do seu livro.

Havemos de fixar para melhor entender a obra quem me lêr e lêr, depois, «Agua do meu Poço».

«E as emoções não se determinam; nem conservam entre si a linha imaginaria de um equilibrio puramente intelectual, inteiramente falso. Um poema é uma emoção de beleza em determinado momento».

E adiante:

«Contra as minhas ideias, e em desacordo com o que tenho escrito, não ha horizontes sociais nem filosoficos neste meu livro. Pelo menos segundo o vulgar conceito de sociologia e filosofia. E não ha porque um livro de emoções está longe de ser um livro de disciplina mental».

Já antes escrevera que um poema «pode ser, aparentemente desmentido por um outro poema, nascido de uma emoção oposta».

O autor dá a impressão de um revoltado contra o convencionalismo da existencia, e não nega que o seu livro, que contem amargura, é pessimista, embora não empregue o vocabulo exato.

Trata-se porem, de saber se este livro tem ou não tem arte e consequentemente beleza, se o livro é ou não é bom.

João de Barros, esse poeta de penetrante sensibilidade, vigorosa e saudavel, um dos primeiros que dentro do metro antigo visionou novas formas para as ideias e cuja obra forte e optimista, cheia de beleza de forma, é encantado pelos ritmos que só agora começaram a encontrar formula escolastica,—João de Barros, traço de união entre a expressão formal de ha quinze anos e a predominante de hoje—disse do autor

«...pela nobre e feliz originalidade do seu talento pertence de direito ao numero dos vitoriosos de amanhã, á rumorejante e intrepida corte dos novos que têm coisas novas a dizer. Se uma vez ou outra passa nos ritmos e nas imagens do seu livro um eco amortecido de passadas sugestões, breve se esquecem, logo se apagam no impeto sadio, na sofrega impaciencia de inventar formas e formulas ineditas, e de brilhar ignorados rumos de arte».

Pelas confissões do autor e pela observação sincera do prefaciador pode quem me ler aquilatar do interesse poetico da obra.

Queremos, contudo, dar um exemplo da maneira do poeta e no trecho que segue encontra-se talvez «o eco amortecido de passadas sugestões» a que se refere o sr. dr. João de Barros:

Vejo-te, Jesus, passar no meu destino,
Olhos de infante que vai subir aos ceus...
E reconheço em ti meu sêr divino,
—A minha outra face em que igualo Deus.
Vejo-te, Jesus, e depressa esqueço
Que a teu lado, em minha alma, veio viver
Misero fantasma em que reconheço
Judas, o traidor—o meu outro ser.
Vejo-te, Jesus, e sinto piedade
De teus olhos tristes, de meus olhos vagos,
Quasi velhos em plena mocidade...
E saudades de nós ambos me consomem:
De quando nossos olhos eram lagos,
—E tu não eras Deus, e eu não era Homem.

Vejamos agora um pequeno poema mais brando no dizer, mais no feitio de hoje, delicioso na sintese:

Deixa-me só. Não procures
Reacender nos meus olhos
O desejo que morreu.

Outro corpo me domina;
Outra mulher—outro ceu.

E não me venhas lembrar
Que te jurei afeição.

Perante a Realidade,
As juras não valem nada.

—A vida é curta, e não sei
Que se ande duas vezes
A mesma inutil jornada.

E, este outro, que está em perfeito acôrdo com as palavras do antelóquio:

Abro os olhos para ver,
E nada encontro;
Percorri todo o meu ser
—E todo ele era deserto.

Afinal,
Nem mesmo aquilo que é nosso
Nos deixa de ser incerto.

Dentro de mim, nada vejo;
Parece
Que em meu peito não existe!

E morre em mim o desejo,
E nem sequer fico triste.

Não compreendemos a critica em obras que—em Poesia pura—assim se confessam fora dos moldes formais, alem e áquem da disciplina.

Estados de alma, emoções—respeitam-se. Comentamos a beleza ou a expressão animica que delas resulta. E essa é confortante.

A poesia asim—toda ela, e em todas as idades da forma realizadora—é encantamento..., tradução de sonhos. Misterio.

«Maré Alta»

— por Bramão de Almeida

Este livro de poesias, prefaciado por Ferreira de Castro, revela, como diz o autor da *Selva*, «sentimentos de delicada expressão tocados de subtil adejo romantico».

Temos de ha muito para nós que toda a poesia é romantismo, ainda que não cante romance algum objectivo, e nos dê apenas o romance intimo, o drama de angustioso, quasi inconsciente, do poeta.

Mas as palavras hoje sofreram uma deformação. Sabe-se o que elas diziam: já não se sabe o que elas dizem.

E' pois uma obra — esta «Maré Alta» — fiel ao processo anterior á moda, á hora presente, e em letras cada vez estamos mais convencidos que a unica hora que existe é a da sua beleza ou perfeição.

Este livro contem muito de ingenuidade, lirismo no estado infantil, e por isso mesmo aspira-se dele o encanto que a poesia não pode deixar de conter, envolvido no eterno artificio da rima.

Não é uma estrela literaria; hemos, porém, de a encarar como se o fôsse. Ha almas paradas dentro do seu sonho. Bramão de Almeida será dessas?

Ausencia de inquietação, vislumbres de humanidade; narativas e poemas descritivos, algumas redondilhas. Alma candida nesta «Maré Alta».

A poesia que vamos respigar do todo não diz do sentido do livro — que é simplesmente uma colectanea de poesias dispersas, e talvez de varias idades — mas é graciosa, ligeira como o assunto. «O Chico Malaquias» se chama.

Achei um amigo, ha dias,
Com dez anos, pouco mais.
Nome: Chico Malaquias.
Emprêgo: espanta-pardais.

Vi-o na Quinta da Telha
Rufando com toda a gana,
Tambôr — uma lata velha;
Baquetas — troços de cana.

Não ha, na aldêia, rapaz
Que saiba rufar melhor.
Aqui cem anos atrás,
O! que belo tambôr-mór!

Mas a: de quem lhe pagar,
Que a rufadela sai cara;
Vai custar-lhe ao pomar
Quanto poupou na seara.

Em lá se apanhando, o Chico
E' como um melro esfaimado:
Bico, bico, bico, bico,
Deixa o pomar arrazado.

Apesar da pouca idade,
Por palerma não o tomem.
O Chico, valha a verdade,
Já tem vicios como um homem.

Por qualquer pinga de vinho,
Faz recados de hora em hora;
Joga a malha no caminho
E cuido que até namora.

Assobia, dansa a chula,
Discorre com certo brilho
E já fuma o seu abdula
Feito de barbas de milho.

Aquela Quinta da Telha,
Percorre-a, de cabo a cabo,
De mangerico na orelha
E calças rôtas no rabo.

Não sabe lêr, nem escrever,
Nem as contas decimais;
Sabe saltar e correr,
Como os outros animais.

Se eu vivesse numa herdade
Tomava-o, na condição:
Não passar daquela idade,
Pequeno como um anão.

Edição do autor.

N. DE A.

Os medicos, os professores e os pais lerão com o maior interesse e proveito o volume acabado de sair

O PROBLEMA DA FADIGA ESCOLAR

á luz das investigações modernas

7.º da Biblioteca de Cultura Pedagogica pelo dr. Faria de Vasconcelos, edição da Livraria Classica Editora. A' venda em todas as livrarias por 5$00